

Correio das Artes

ANO
LXXVI

Nº
2



R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 15,00.



**Glorinha Gadelha
& Cassiano**

Suplemento
literário
do Jornal A União
A b r i l
2025

Artistas são os grandes homenageados da
8ª edição do Festival de Música da Paraíba

PROMOVA A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE DO SEU NEGÓCIO COM OS SERVIÇOS DO BRAILLE A UNIÃO

- **IMPRESSÃO BRAILLE E BRAILLE-TINTA EM DIFERENTES FORMATOS GRÁFICOS**
cardápios, folders, cartilhas, marcadores de páginas etc.
- **AUDIODESCRIÇÃO EM QR CODE**

Utilize o QR Code
para acessar nosso
vídeo institucional
com acessibilidade



MARKETING EPC

SOLICITE UM ORÇAMENTO:
brailleauniao@epc.pb.gov.br
(83) 3218-6500 / (83) 98201-9809



Braille

A UNIÃO



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO

“**T**inha uma vendinha no canto da rua / Onde o mangaieiro ia se animar / Tomar uma bicada com lambu assado / E olhar pra Maria do Juá”. Quem nunca agitou a própria alma com a sonoridade e a vibração agalopada da letra de “Feira de mangaio”? A celebração da cultura nordestina, contendo naquela música todo um cotidiano com as suas riquezas, principalmente ganhando voz no timbre da guerreira Clara Nunes.

A descrição em detalhes da atmosfera de uma típica feira livre nordestina é graças às vivências de uma mulher sertaneja, que tinha uma janela para o Brasil na cabeça, quando começou a compor esse clássico, lá na terra do Tio Sam. Assim como “João e Maria”, Sivuca tinha um parceiro à altura. Na verdade, uma parceria que se estendia para uma vida toda e que atendia pelo nome de Glória Gadelha, uma das homenageadas da 8ª edição do Festival de Música da Paraíba, que acontece no mês de maio.

Autora de 140 composições, com mais de 50 anos de carreira, Glorinha ainda compõe e foca seu compromisso de fidelidade com a música.

Assim como o festival celebra os artistas em vida, o outro paraibano homenageado é um nome que, infelizmente, muitos desconhecem, apesar de ter seus grandes sucessos na ponta da língua, por intermédio de vozes de grandes nomes da MPB, como Tim Maia, Alcione, Gil, Djevan, Luiz Melodia, Marisa Monte e tantos outros.

O resgate póstumo de Cassiano vai além da sua vida reclusa nas últimas décadas: é o grito para que esse artista não seja esquecido quando o inverno chegar. Uma homenagem tão importante quanto ele nos fez acreditar no florescimento do amor nas primaveras de seus clássicos eternos.

A seguir, um pouco da vida e da obra desses dois grandes artistas.

VERSOS 22

Crítico Hildeberto Barbosa Filho analisa a coletânea poética “O quiosque em poesia”

ENSAIO 30

Na última década, Leonardo Ariel visitou o Sertão nordestino várias vezes, registrando seu cotidiano

TRADUZIR 42

Uma tradução comentada do “Soneto 73”, do dramaturgo William Shakespeare (1564-1616)

RESENHA 50

Carlos Newton Jr. lança biografia do escultor pernambucano Armando Lacerda (1924-1980)

ARTIGO 53

Escritor e poeta Clemente Rosas Ribeiro rememora a chamada “Geração 59”

CONTO 56

“O café ainda tem aroma, a música ainda toca em algum lugar”



SECRETARIA DE ESTADO DA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Tônio
Arte da capa

Bruno Chiossi
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



A Glória que faz floreio para o mundo sonhar

Alexsandra Tavares

alexsandrajornalista@gmail.com

Ela nasceu no município de Sousa, no Sertão paraibano, na madrugada de uma Quarta-Feira de Cinzas, dia que anuncia a chegada da Quaresma. Diferentemente do teor introspectivo da data, a trajetória de Glória Gadelha — ou Glorinha, como é conhecida — foi permeada por vivências musicais emanadas do seio familiar. Essas experiências contagiaram a carreira da cantora e compositora que, aos 78 anos, é uma das homenageadas do 8º Festival de Música da Paraíba, com o cantor e compositor paraibano Genival Cassiano dos Santos, mais conhecido como Cassiano (*in memoriam*). Autora de 140 composições, com cinco discos gravados e mais de 50 anos de ca-

minhada no universo artístico, a eterna companheira do multi-instrumentista Sivuca ainda mantém-se produtiva, criando letras e melodias no apartamento onde mora, no bairro de Manaíra, em João Pessoa.

Um dos projetos que concretizou nos últimos anos foi a criação da letra para uma canção que fizera há algumas décadas. Formada em Medicina, em 1974, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a canção é uma espécie de homenagem à turma universitária. “Ainda ando compondo. Sempre que dá, me vem alguma melodia e me agarro no meu gravadorzinho de fita cassete para registrar as ideias. Nesses últimos anos, fiz uma letra

para uma das melodias que havia feito na sanfona, voltando a tocar o instrumento 40 anos depois de ter parado. O nome da música é ‘Saberes e dons’, dedicada aos meus amigos e amigas de formandos da turma de Medicina de 1974”, contou a cantora.

Ela afirmou que se sente honrada em ser homenageada no Festival de Música da Paraíba deste ano. Segundo a artista, eventos como esse ajudam a impulsionar a força da cultura do estado, sobretudo, em uma área tão “rica e plural” como a da música. “Sinto-me alegremente honrada em ter sido escolhida como uma das homenageadas. Só tenho que agradecer por essa aten-



Atuante no alto dos seus aos 78 anos de idade, Glorinha Gadelha voltou a tocar a sanfona 40 anos depois de ter parado; uma das músicas que ela criou nesses últimos anos é 'Saberes e dons', dedicada aos formandos e formandas da sua turma de Medicina, em 1974



Foto: Carlos Rodrigo

ção que me prestam. Desejo que todos que me colocaram na condição de homenageada se sintam abraçados por minha gratidão”.

O músico pessoense Lucas Carvalho, parceiro profissional há mais de 10 anos da cantora e compositora, também não escondeu a satisfação de ver o trabalho de Glorinha em destaque na edição do festival. Ele contou que, quando foi contatado sobre a homenagem, ficou muito feliz pela oportunidade de ver a arte da paraibana sendo reconhecida em vida. “Ter a oportunidade de homenageá-la em vida é de grande significância para qualquer artista que se dedicou tanto à sua arte. A Paraí-

ba tem, em sua potencialidade, muitos compositores de grande relevância para nossa cultura e dona Glorinha faz parte desse time. Sua obra é rica e plural. Junto a Sivuca, estabeleceu uma trajetória dedicada à música”.

Apesar de ter se afastado dos palcos há alguns anos, o dia a dia da artista ainda está inserido em uma realidade plena de sonoridade, de experimentar sons na sanfona, resultando em dezenas de melodias. Ela contou que vem produzindo algumas partituras com Lucas. Esses trabalhos estão guardados, esperando o momento oportuno para seguir outros rumos. “Pensamos em elaborar uns arranjos para

cordas. Assim como meu amado Sivuca fez na nossa obra”, comentou a paraibana.

Mais do que um parceiro de carreira, Lucas Carvalho é um admirador e amigo da compositora. As visitas frequentes à residência dela, no bairro pessoense de Manaíra, aprimoram os projetos e a relação de respeito e companheirismo que eles mantêm. Para o músico, estar ao lado de Glorinha é um eterno aprendizado. “Uma mulher das letras, de boa leitura, com um senso crítico refinado. Estar ao seu lado é presenciar todo seu encargo cultural e vivência, de maneira que sempre que a vejo sinto um tanto da história da nossa música nordestina”, frisou Lucas Carvalho.

Sucesso nas vozes de quatro intérpretes

Para os fãs e admiradores de Glorinha Gadelha, uma oportunidade de vê-la novamente será, provavelmente, no 8º Festival de Música da Paraíba. Pelo menos, essa é a expectativa dos organizadores. Lucas Carvalho já tem presença confirmada, pois irá se apresentar na final do evento gratuito, no 31 de maio, no Teatro de Arena do Espaço Cultural José Lins do Rego, na capi-

tal paraibana. O *show* intitulado *Elas Cantam Glória Gadelha* contará com quatro intérpretes que apresentarão músicas da artista homenageada.

“Essas cantoras são Jéssica Cardoso, Meire Lima, Maria Camila e Sandra Belê. A gente está numa formatação de banda: baixo, guitarra, bateria, sanfona, zabumba e alguma percussão”, revelou o músico. A ideia é que a própria homenageada compareça ao evento nesse mesmo dia e relembre um de seus sucessos. Tudo dependerá, porém, da disposição física da artista que, hoje em dia, passa a maior parte do tempo em casa.

O gerente de Jornalismo da Rádio Tabajara, Marcos Thomaz, um dos organizadores do festival, afirmou que seria muito importante ter a paraibana no evento, sobretudo, em cima do palco. “Acho que é um momento de emoção para muita gente, para todos nós, envolvidos no trabalho, com certeza para ela e para o grande público, fãs, inclusi-

ve, do Sivuca, da obra de ambos, que conhecerão essa figura, autora de tantos clássicos que estão marcados no cancionero brasileiro”, declarou.

O Festival de Música da Paraíba costumava fazer apenas homenagens póstumas de artistas paraibanos, mas desde o ano passado adotou um novo olhar e começou a exaltar também a carreira de personalidades musicais ainda em vida. Para Marcos Thomaz, a equipe percebeu que precisava prestigiar grandes nomes do cancionero local, que ainda permanecem na sociedade. Com isso, duas pessoas passaram a ser destacadas a cada edição. “Acho que o resultado tem sido muito satisfatório e esse ano temos Cassiano e Glorinha Gadelha, dois nomes que passam ao largo do grande público”.

A cada ano, o evento conta com aprimoramentos de recursos e de conceitos técnicos, incluindo melhorias no aparato tecnológico, na logística e em equipamentos, bem como no *know-how* dos profissionais. Segundo Thomaz, cada edição é uma oportunidade para aprender e evoluir em vários aspectos, oferecendo ao público um resultado que faça jus à relevância da cultura paraibana.

Quando indagado sobre a consolidação do festival ao longo de oito edições, Marcos afirmou que tudo passa pelo tratamento profissional, pela sensação de pertencimento e dedicação de todos os envolvidos. “Acho que ela [consolidação] fica muito latente em todos os músicos, de como é um olhar, de fato, do Governo

Lucas Carvalho se apresentará na final do festival, no dia 31 de maio, no Teatro de Arena do Espaço Cultural José Lins do Rego, na capital paraibana

Foto: Carlos Rodrigo



Entre as décadas de 1980 e 90, Glorinha, ao lado de Sivuca, realizou uma série de apresentações pelo Brasil e pelo exterior

Foto: Arquivo A União



do Estado via Funesc [Fundação Espaço Cultural] e EPC [Empresa Paraibana de Comunicação] sobre a fertilidade artística da região. Então, há um empenho muito grande de todos os envolvidos, porque a gente tem muito respeito pela cultura paraibana”.

Desafios superados

A rotina da artista quase octogenária é tranquila e está longe do frisson dos *shows* de outrora. Entre as décadas de 1980 e 90, Glorinha realizou uma série de apresentações pelo Brasil e pelo exterior, em países como Dinamarca, Suécia, Espanha, Bélgica e França. Na residência em que vive, em João Pessoa, ela conta com a companhia e cuidados da irmã, Ana Maria Gadelha. Um dos pontos ressaltados por Ana Maria foi a atenção que Glorinha dedicou ao marido,

Ele acrescentou que esse empenho existe em todas as etapas do festival. “Acredito que a comunidade artística já entendeu que o evento se propõe a ser uma vitrine, um vetor de divulgação de tanta coisa linda que é produzida musicalmente aqui no estado”.

Sivuca, quando ele foi diagnosticado com câncer, na década de 1970.

Em busca de melhores condições de tratamento, o casal, que morava em Nova Iorque, nos Estados Unidos, foi morar no Rio de Janeiro. Pois, de acordo com Ana Maria, os médicos norte-americanos desengana-ram o paraibano, aconselhando para eles voltarem ao Brasil.

“Eles vieram e Sivuca estava bem fragilizado. Passaram um tempo em João Pessoa, na casa de mamãe, depois foram para o Rio de Janeiro, onde vivia minha irmã, Maria Inês, que era oncologista. A doença foi controlada e ele viveu por mais 32 anos. Maria da Glória era a

Diagnosticado com câncer nos anos 1970, a doença de Sivuca foi controlada por mais de três décadas; Glorinha Gadelha era “a médica, a enfermeira, a empresária e a parceira musical dele”

médica, a enfermeira, a empresária e a parceira musical dele”, lembrou Ana Maria.

O músico Lucas Carvalho também reconhece o desvelo que a artista teve para com o marido. “Sua vida foi demasiadamente de compromisso com a música e com o seu amor, que foi Sivuca. Por muitas vezes abdicou e renunciou à sua carreira artística para estar ao lado dele, completando as suas necessidades. Construiu, dessa forma, uma obra que é também a dele”, declarou.

Além estar com Glorinha frequentemente, Lucas é um

estudiosos da vida da paraibana. Ele fez um trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Música pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sobre a trajetória da artista. O trabalho foi chamado de *Tem uma sanfoneira no canto da história: processos da aprendizagem musical de Glória Gadelha entre as décadas de 1950 e 1960*, em que ele aborda a trajetória da cantora e compositora, inclusive a relação dela com Sivuca.

A própria Glorinha frisou que, mesmo seguindo a trajetória artística, o curso de

Medicina lhe foi precioso em vários momentos da vida, principalmente durante o tratamento do companheiro. De acordo com ela, todas as vivências do ser humano vão preenchendo o que somos e nos direcionando na vida. “Hoje, eu me sinto satisfeita em ter conseguido construir uma obra musical com atenção cirúrgica (risos). Ter tido a experiência na Medicina, que ainda exerci em alguns hospitais, possibilitou que eu convivesse e lidasse com os cuidados contínuos do câncer de Sivuca por 32 anos”.

Glorinha Gadelha vem produzindo algumas partituras com Lucas Carvalho; esses trabalhos estão aguardando o momento oportuno para seguir outros rumos

Foto: Carlos Rodrigo



Feiras em forma de canção

“Fumo de rolo, arreio de cangalha / Eu vim pra vender, quem quer comprar? / Bolo de milho, broa e cocada / Eu vim pra vender, quem quer comprar?”. Esses são os versos que introduzem a música “Feira de mangaio”, composição de Glorinha Gadelha e do maestro Sivuca, criada no final da década de 1970, nos Estados Unidos. Segundo Glorinha, é a composição mais famosa que ela assina, mas apesar de ter sido gravada pelo marido em 1977, só conquistou os brasileiros dois anos depois.

“A música só veio a ser sucesso nacional com a gravação de Clara Nunes, de 1979”, contou a artista. O disco citado por ela foi o LP *Esperança*, lançado pela gravadora EMI-Odeon. A história dessa canção, que fala dos cenários das feiras nordestinas, remonta às memórias de infância da paraibana que aprendeu a tocar sanfona ainda criança. Sempre que podia, ela se apresentava com o primo, Dimas Gadelha, na vendinha de um tio na feira do município de Sousa.

O multi-instrumentista Sivuca, segundo Glorinha, também teve essa vivência de tocar em feira livre. Ela contou que a canção surgiu quando o casal estava bem longe da terra natal. “Quando eu estava morando com ele, em Nova Iorque, passei a frequentar aulas de Linguagem Musical, na Columbia University. Numa dessas aulas, eu já fui compondo “Feira de mangaio”. Letra e música foram surgindo e logo ao fim da aula tratei

de ir para uma lanchonete comer, tipo um Subway ou um McDonald’s, onde finalizei a ideia. Sivuca nesse momento estava atuando no escritório de Harry Belafonte, e só quando ele chegou em casa que eu mostrei o que havia feito. Ele não deu muita atenção no momento”.

Meses depois, o casal voltou a atenção para a música. Nessa época, Sivuca foi diagnosticado com câncer e os dois retornaram ao Brasil, mas já com a promessa da gravação de um disco na RCA. Sivuca refez a introdução da canção, ambos trabalharam em algumas alterações na letra e a nova modelagem resultou na canção que até hoje é divulgada para o público.

“E, assim, a minha saudade pelas feiras, pela feira da minha terra, se transformou em música numa cidade totalmente diferente das nossas. Dessa forma, está em ‘Feira de mangaio’ um tanto das feiras das nossas infâncias, um ambiente representativo e forte em cultura para nossa região Nordeste”, declarou Glorinha.

O lado de compositora e cantora sempre estiveram presentes na vida da sertaneja, de forma equilibrada. Ela relembrou que, quando estudava no colégio de freiras, no município de Sousa, era escolhida para fazer a coroação de Nossa Senhora. Nessa época, já cantava música autoral, pois sempre teve a “alma cantante”, criando alguma melodia e também estando atenta ao que se compunha na época. À sua maneira, Glorinha Gadelha foi desenvolvendo senso crítico e construindo uma obra que a realiza. “Ao lado de Sivuca, pude viver bons momentos de criação”.

Foto: Beto Figueirôa/Estadão Conteúdo



“Ao lado de Sivuca, pude viver bons momentos de criação”, disse Glorinha Gadelha, incluindo a clássica “Feira de mangaio”

Trajatória: vida e obra

Maria da Glória Pordeus Gadelha nasceu no dia 19 de fevereiro de 1947, no município paraibano de Sousa, lugar que também é a terra natal de seus pais: o guarda fiscal do estado (auditor fiscal) Francisco da Costa Gadelha e a dona de casa Águida Pordeus Gadelha. Dessa união nasceram 13 filhos, sete mulheres e seis homens. Atualmente, os herdeiros filhos dos Gadelha são seis mulheres e cinco homens. O pai da cantora morreu aos 49 anos, vítima de infarto e a mãe, aos 106 anos. Glorinha viveu em um ambiente familiar musical, pois todos os filhos aprenderam a tocar algum instrumento e os parentes materno e paterno também tinham relação com essa área.

“Lembro, como se fosse ontem, de minha mãe recebendo em nossa casa artistas que se apresentavam por temporadas nas cidades. Ela sempre gostava de abraçar os músicos e as cantoras. Eu via de perto uma pluralidade de sotaques e maneiras de se expressar com a música”, ressaltou.

A paraibana se interessou pela sanfona ainda criança e foi a única filha que seguiu a carreira artística. Estudou no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e entrou para o curso de Medicina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no final da década de 1960. Apesar de se dedicar ao curso, nunca se afastou da área artística. Nessa época, participou do programa *A Grande Chance*, na TV Tupi, e, um ano depois, venceu o 3º Festival de Música Popular Paraibana.



A

Grande Chance, programa televisivo apresentado por Flávio Cavalcanti, tinha bastante audiência na época e lhe trouxe notoriedade. Porém, segundo Glorinha, a sua trajetória já vinha de anos antes, pois cantava em bailes no município de Sousa, em comício político e evento religioso.

“Essa ida ao programa foi muito importante para mim, consegui ter uma experiência relevante na carreira. O programa tinha os arranjos escritos e regidos pelo maestro Cipó, além de uma mesa de jurados forte, a exemplo da cantora Maysa. Foi uma experiência maravilhosa, mesmo que eu não tenha chegado à final. Como era o que gostava de fazer, eu não me amedrontei: fui, cantei e fiz como achava que devia”, resumiu. A canção que a paraibana cantou, na ocasião, foi “Posso ir,



Algumas reminiscências de Glorinha: ao lado do apresentador Flávio Cavalcanti no programa “A Grande Chance”, na TV Tupi (foto maior); tocando violão no Rio de Janeiro, em 1977 (acima) e no município de Sousa, com a sua sanfona, em 1963 (ao lado)



Fotos: Arquivo A União



possuir”,
que nunca teve um
registrado em disco.

Meses depois de concluir o curso de Medicina na UFPB, em 1974, Glorinha Gadelha escreveu o livro *O Bailado das Sardinhas*. Foi por meio dessa publicação que ocorreu o primeiro contato com o futuro marido. O cantor, multi-instrumentista e compositor itabaianense estava de passagem por João Pessoa, então um amigo em comum deu ao músico o livro recém-lançado de Glorinha.

“Sivuca leu e pediu que me convidasse a estar em um jantar festivo, tipo sarau, pois queria me conhecer. Eu estava

dan-
do meu plantão num
hospital de doença infectocon-
tagiosa, o Guedes Pereira, aqui
em João Pessoa, quando José
Bezerra chegou falando que eu
não poderia perder a chance
de conhecer Sivuca, que estava
na sua casa. Foi uma noite me-
morável, de muita conversa e
muita música. Sivuca ainda me
pediu para tocar algo, quando
descobriu que eu também toca-
va acordeom, e assim fiz”, con-
tou a artista.

A partir daí, os dois não se
separaram mais: foi morar com
ele nos Estados Unidos, país
onde ficou cerca de dois anos.
Foram mais de três décadas de
parceria e a presença dele ainda
faz falta na vida de Glorinha.
“Foram 32 anos de uma união
muito rica em vários aspectos,
principalmente na área da cria-
ção musical. Hoje, sinto muita
saudades, sinto falta das nossas

conversas, dos momentos em
que nos isolávamos para com-
por e tocar um pouco, além das
viagens para realizar *shows*”.

Em setembro de 2011, Gló-
ria Gadelha lançou outro livro,
dessa vez de contos, intitulado
Um Anjo de Dois Anjos. Além
de se dedicar às composições,
atualmente ela organiza e pre-
serva o acervo do marido, for-
mado por itens como discos,
partituras, fotografias, vídeos,
diplomas, filmagens, meda-
lhas e troféus. Um dos desejos
da artista é ver concretizado
um memorial em homenagem
ao eterno companheiro.

A primeira vez em que
a voz da paraibana esteve
registrada em disco foi em
1971, na inauguração do Ho-
tel Tambaú, em João Pessoa,
quando foi gravado um com-
pacto simples e distribuído
entre os convidados da fes-
ta. Em uma das faixas estava

Além de se dedicar
às composições,
atualmente
Glorinha organiza e
preserva o acervo
de Sivuca: um dos
desejos da artista
é ver concretizado
um memorial em
homenagem ao
eterno companheiro



Foto: Carlos Rodrigo

Além da sua trajetória musical, Glorinha também enveredou pelo universo da literatura, lançando os livros "O Bailado das Sardinhas" e "Um Anjo de Dois Anjos"

uma canção composta e gravada por Glorinha Gadelha. Somente em 1981, ela gravou o primeiro disco de abrangência nacional, o LP *Bendito o Fruto*, pela Copacabana. O álbum possui arranjos de Sivuca e Hermeto Pascoal, com participação de Elba Ramalho na canção "Música das Nuvens e do Chão".

O segundo LP foi *Segredos da Palavra Manhã*, gravado em 1983, também pela Copacabana. Segundo o músico Lucas Carvalho, o trabalho expressava a ecleticidade composicional da paraibana. Após várias participações em projetos de artistas como Luiz Gonzaga,

ela voltou a gravar em 1992, lançando o CD *Tudo que Ilumina*, na gravadora Kuarup.

Já *Ouro e Mel* foi um disco experimental que ela gravou primeiramente, em 1998, com poucas canções. Sem a intervenção de Sivuca, teve como arranjador José Lourenço que explorou sonoridades eletrônicas e computadorizadas. No ano 2000, foi lançado o CD *Ouro e Mel* e nesta ocasião a cantora deixou o nome artístico Glorinha, passando a assinar Glória.

O último álbum, único gravado na Paraíba, foi o CD *Tinto e Tropical*, de 2005, lançado pela gravadora CPC-Umes. O disco conta com as participações de

Sivuca, do grupo vocal Nossa Voz e do Quinteto Uirapuru.

Segundo a cantora e compositora, das cerca de 140 músicas que compôs, 64 foram em parceria com Sivuca. Uns dos exemplos são as canções "Dino pintando o sete", "Como é grande e bonita a natureza", "Frevo sanfonado", "São João de Sapoti" e "Arco-íris". Entre as canções que ela fez de forma solo estão "Filhos da Lua", "Em nome do amor", "Amoroso coração" e "Visitando Zabelê". A artista ainda tem inúmeros trabalhos gravados com Sivuca e com outros intérpretes.

Cinco discos gravados:

- *Bendito o Fruto* (LP) — 1981;
- *Segredos da Palavra Manhã* (LP) — 1983;
- *Tudo que Ilumina* (CD) — 1992;
- *Ouro e Mel* (CD) — 2000;
- *Tinto e Tropical* (CD) — 2005.

Abaixo, a letra da canção “Saberes e dons”, que Glória Gadelha criou recentemente e que remete à sua turma de Medicina de 1974:

*Lá pro alto, a sonhar
Onde há luz pra voar
Na verdade eu queria
Abraçar tua cruz
Ser teu lar, tua luz
Teu sentido de paz*

*Ao curar nossa dor
Ja vivi pra saber
Como quero continuar
Dei meu mar de pendor
Dei meu sal, meu amor
Leve mão pra estancar a dor*

*E agora parei
Pra ver que a vida impôs
A vida a palpitar nas nossas mãos
Os saberes e os dons
Que a vida nos legou
Pra cuidar do nosso irmão*



Imagem: Reprodução/Copacabana

Capa do primeiro LP de Glorinha, “Bendito o Fruto” (acima), que possui arranjos de Sivuca e Hermeto Pascoal, com participação de Elba Ramalho; último álbum (e único gravado na Paraíba), “Tinto e Tropical” (abaixo), de 2005, com as participações de Sivuca, Nossa Voz e Quinteto Uirapuru

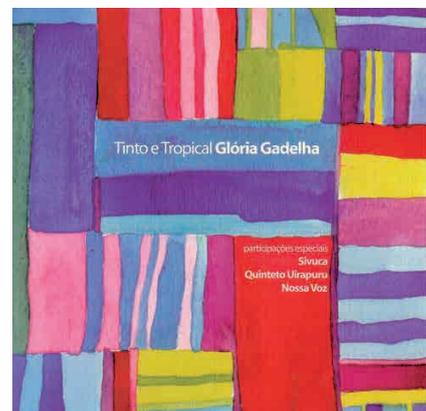


Imagem: Reprodução/CPC-Umes

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do 'Correio das Artes'. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Das cerca de 140 músicas que Glória Gadelha compôs, 64 foram em parceria com Sivuca



Cassiano: ouvindo falar de seu nome

Esmejoano Lincol

esmejoanolincol@hotmail.com

“**M**ais um ano se passou / E nem sequer ouvi falar seu nome”. Os versos melancólicos da faixa “A lua e eu”, uma das mais executadas pelas rádios brasileiras entre 1975 e 1976, faziam um prenúncio irônico da sensação que o público teria junto ao artista responsável pela canção (parceria com Paulo Zdanowski), depois que o seu auge comercial cessou: o paraibano Genival Cassiano dos Santos, segundo homenageado do 8º Festival de Música da Paraíba, passou anos afastado dos holofotes, recusando-se a dar entrevistas, ainda que tenha passado por “ondas de redescobrimto” de sua obra, graças, principalmente, às regravações e ao uso de *samples*, empreitadas que mantiveram o seu legado vivo.

Ícone do *black music* no Brasil, Cassiano nasceu em setembro de 1943 para, anos mais tarde, adaptar com suingue brasileiro

o estilo que chegou importado da América do Norte. Mas toda essa trajetória começou anos antes, na sua cidade natal, Campina Grande, e por meio de outra grande referência: foi graças a Jackson do Pandeiro que o então menino começou a descobrir a música. O Rei do Ritmo era amigo de seu pai — este, um pedreiro que, nas horas vagas, “atacava” de seresteiro. O jovem começou a experimentar os primeiros acordes dedilhando um cavaquinho que seria ampliado para o violão e a guitarra, instrumentos acompanharam-lhe nos caminhos tortuosos que percorreu na música.

Na virada para os anos 1950, fazendo coro a muitos nordestinos de sua geração, migrou, junto com a família, para a cidade do Rio de Janeiro, onde fixou morada e faleceu, em maio de 2021. Foi na então ca-

Toda essa trajetória começou anos antes, na sua cidade natal, Campina Grande, e por meio de outra grande referência: Jackson do Pandeiro





Ilustração: Bruno Chiossi

pital federal que Cassiano estreitou ainda mais os laços com a música, relegada, a princípio, às horas vagas — seu ofício “titular”, naquele momento, era o de servente de pedreiro. As primeiras oportunidades reais como músico chegaram na década de 1960: primeiro com o Bossa Trio, conjunto musical que mantinha com o seu irmão, Camarão, e o amigo, José Amaro. Com

essa formação, os instrumentistas lançaram um compacto de vinil com quatro músicas.

Em 1969, o Bossa Trio mudou seu nome. Tornaram-se Os Diagonais e estrearam em *long-play* no mesmo ano, num álbum homônimo, com duas faixas autorais de Cassiano — “Não dá pra entender” e a curiosa “Clarimunda” — esta com os vocais estilizados do próprio paraibano: “Ela não parava em casa / De segunda a segunda / Por que eu fui casar?”, questiona o cantor, encampando rima divertida com o título da canção. O balanço ritmado do pupilo de Jackson do Pandeiro chamou a atenção do estreante Tim Maia, que voltava ao Brasil depois de uma temporada nos EUA, ansiando por alguém que pudesse fornecer as referências da *black music* que buscava para o seu primeiro disco, de 1970.

Cassiano entrou com a guitarra e forneceu quatro músicas para o intérprete de “Azul da cor do mar”, duas delas, “Você fingiu”, composição solo que fecha o Lado A, e “Padre Cícero”, assinada com Tim. O paraibano, porém, deu outros dois presentes aos colegas, que se tornariam seus dois primeiros sucessos como compositor: “Eu amo você” e “Primavera (Vai chuva)”, ambas colaborações com Silvio Rochadel. Essas baladas tristes e melódicas tem versos diretos que se repetem ao longo das estrofes, asseverando

o romantismo que marcaria parte da produção cassiana — “Eu amo você, menina”; “É primavera, te amo...”. O sucesso da última faixa fez com que o disco vendesse mais de 200 mil cópias.

Imagem e som

O êxito de “Primavera” tomou conta do Brasil e de Cassiano. Decidido a dar uma guinada em sua carreira, lançou-se em carreira solo, mantendo ainda algum contato com Os Diagonais. No ano de 1971, contratado da RCA (atual Sony Music) estreou com o LP *Imagem e Som*, que abria com “Lenda”, música de Marcos Valle e Lula Freire. Das 12 faixas, seis eram de autoria apenas de Cassiano — “Já”; “É isso aí”; “Eu, meu filho e você”; “Minister”; “Uma lágrima” e “Não fique triste”. Tim Maia retribuiu a colaboração em duas canções (“Ela mandou esperar” e “Tenho dito”). “Primavera” também estava presente, no lado B, com um arranjo peculiar. Em 2023, esse disco ganhou um relançamento em CD no Japão.

Apesar de essa primeira empreitada ter passado em brancas nuvens, dois anos depois o campinense voltaria aos estúdios, desta vez pela Odeon (atual Universal Music): o LP *Apresentamos Nosso Cassiano* ganhou um Lado A apenas com composições solo — “O vale”; “Slogan”; “A casa de pedra”; “Chuva de cristal”; e “Melissa”. O lado B contava com parcerias até então

inéditas — “Calçada” e “Cedo ou tarde”, com Susana; e “Me chame a atenção”, com Renato Britto. Assim com no primeiro LP, o artista manteve a aura *soul* neste segundo trabalho, mas com maiores experimentações nas letras: “Sou virgem da água de sal / Um pensamento bom / A chuva cai no jardim / Lareira aquece a dor”, ele entoou em “Castiçal”.

Novamente, o trabalho não encontrou êxito comercial. A música “Cinzas” foi editada em compacto, mas não houve espaço nas rádios para ela. De saída da segunda gravadora, rumou para a Polydor (cujo catálogo também está de posse da Universal). Lá encontrou mais sorte ao produzir um compacto com duas novas canções, “A lua e eu” e “Nanar contigo”. A primeira foi ouvida por Nelson Motta, que estava elaborando, para a Rede Globo, a trilha sonora da telenovela *O Grito*. A trama escrita por Jorge de Andrade ostentava um tom pessimista, algo que a composição de Cassiano também tinha: “Quando olho no espelho / Estou ficando velho e acabado (...) / As folhas caem / Mortas como eu”, escreve Cassiano.

Em depoimento concedido para o livro *Teletema*, dos pesquisadores Guilherme Bryan e Vincent Villari, Nelson revela que o disco com as músicas da novela já estava pronto para ser prensado, mas ao encantar-se por “A lua e eu” decidiu incluí-la na seleção. A faixa começou a fazer sucesso na televisão, embalando o romance

do investigador Sérgio, papel de Ney Latorraca, e Pilar, Elizabeth Savalla. Ao chegar às lojas, o compacto de “A lua e eu” veio com a chancela “Tema principal da novela *O Grito*”. “Jamais uma balada dessas ia tocar na rádio. Ela estava condenada ao anonimato e a novela a salvou. Foi aí que o grande público conheceu Cassiano”, rememorou Nelson a Guilherme e Vincent.

Os resultados animaram a gravadora, que autorizou a produção de um *long-play*: *Cuban Soul: 18 Kilates* estreou em janeiro de 1976, com produção de Gastão Lamouinier e Paulo Zdanowski — este, assina com Cassiano todas as faixas do disco, à exceção de “Ana Luiza”, regravação de Tom Jobim. Maior sucesso de sua carreira, nunca foi superado comercialmente por outro disco. Abria com a “familiar” “Hoje é Natal”, em que ele narra uma festa de fim de ano entre parentes — “E em meio às flores na sala, no bar / Lareira e as crianças a brincar”. O disco logo volta às habituais temáticas de Cassiano, sobre melancolia, amores e o cotidiano das grandes cidades, presentes em “De bar em bar”, “Salve essa flor” e “Central do Brasil”.

“Onda”, com repercussão na época, faz barulho novamente em 2002, ao ser *sampleada* pelo conjunto Racionais MCs na canção “Dá ponte pra cá”, presente no álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia*. No mesmo disco, o intérprete paraibano é nominalmente citado em outra canção do grupo, “Vida loka parte 2”: “De teto solar, o luar representa / Ouvindo Cassiano, hah, os gambé não guenta”. Junto de “A lua e eu”, o maior êxito de *Cuban Soul* foi “Coleção”: “Sei que você gosta de brincar de amores...”. Selecionada para a trilha sonora da novela *Locomotivas*, um ano depois, tor-

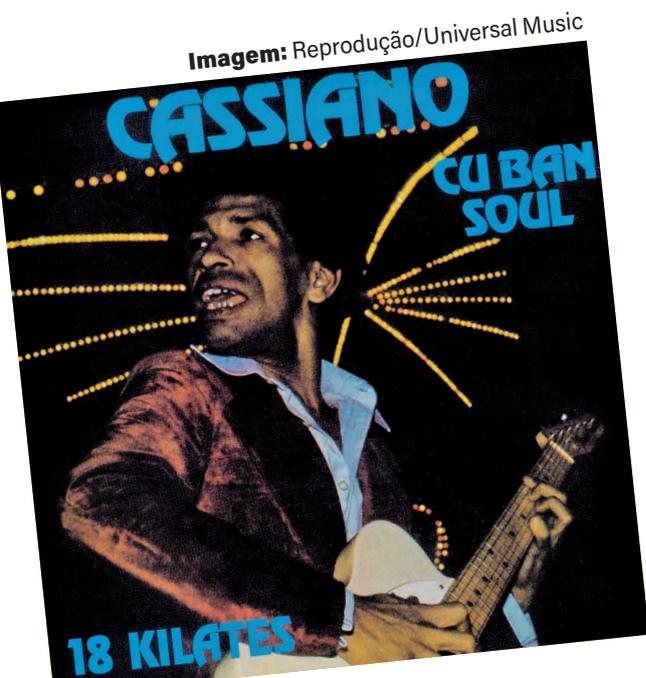


Imagem: Reprodução/Universal Music

“Cuban Soul: 18 Kilates” estreou em janeiro de 1976, com produção de Gastão Lamouinier e Paulo Zdanowski — este, assina com Cassiano todas as faixas do disco, à exceção de “Ana Luiza”

nou-se uma das faixas mais regravadas de Cassiano ganhando novas vozes como as de Emílio Santiago (1994) e de Ivete Sangalo (1995), à época, à frente da Banda Eva.

Os ventos à favor de Cassiano lhe trariam para o estúdio mais uma vez em 1978, o objetivo, à época, era trabalhar, com seu famoso perfeccionismo, naquele que seria o seu quarto álbum. Contratado da CBS (atual Sony Music), o paraibano não conseguiu concluir seu projeto naquele momento. Diagnosticado com tuberculose, teve que pausar o que vinha fazendo até aquele ponto e o LP foi arquivado por seus produtores, permanecendo sem lançamento até hoje. O artista retirou parte de um dos pulmões e ficou convalescendo até o início da década de 1980, quando voltou, aos poucos, a fazer shows. Todavia, a ausência de músicas novas e a distância temporal do sucesso alcançado anos antes foram-lhe prejudiciais.

Apenas em 1991, sob a produção de Líber Gadelha, Cassiano voltaria aos estúdios: o álbum-tributo *Cedo ou Tarde*, editado pela Sony, trazia novas versões de clássicos do paraibano como “Primavera”, e participações especiais nos vocais: Marisa Monte, na faixa título; Luiz Melodia, em “Salve essa flor”; e Cláudio Zoli, com quem trabalhou nos anos 1970, no dueto de “A lua e eu”. Consta que o homenageado ficou insatisfeito com o resultado, a ponto de nunca mais gravar nenhum disco. Optou pela reclusão, rareando o contato com a imprensa, ainda que renascesse a cada novo *cover* ou citação. Sua morte, em 2021, em meio à pandemia, foi atribuída à Covid-19, mas o fato segue nebuloso, assim como o paraibano foi em seus últimos anos.

Fama de difícil?

Em novembro de 1965, o jornalista americano Gay Talese havia sido escalado para entrevistar o cantor Frank Sinatra, por ocasião de projetos na música que o artista tinha interesse em divulgar àquela altura. Ao chegar no local marcado, na cidade de Las Vegas, o então correspondente da revista *Esquire* foi informado pela assessoria de Sinatra de que ele não apareceria no encontro. O motivo? Um resfriado. Se o intérprete de “My way” estava de fato doente, ou se apenas inventou uma desculpa para fugir da pauta, nunca descobriremos. O que sabemos é que o “toco” do cantor fez nascer, pelas mãos de Talese, um dos mais brilhantes perfis jornalísticos sobre um artista, sem que este tivesse preferido uma única linha.

Nossa intenção, neste segmento da matéria de capa do *Correio das Artes*, não passa pela pretensão de fazermos uma nova “Frank Sinatra tem um resfriado” (o título infame e inesquecível dado à reportagem da *Esquire*) — longe de nós! O objetivo é constatar, nas próximas páginas, que apesar de ter deixado de dar entrevistas há pelo menos duas décadas, o campinense Cassiano forneceu, indiretamente, boas histórias a outros jornalistas que ouviram “nãos” e “sins” dele, dando corpo à lenda de que ele seria uma pessoa “difícil” com a mídia. André Cananéa, gerente executivo de conteúdo e programas da Parahyba FM, relembra que fez uma tentativa durante o tempo em que trabalhou para o *Jornal da Paraíba*, na capital.

Conseguiu alguns números de telefone que seriam dele — discou quase todos, sem qualquer retorno. No último contato, uma

Apesar de ter deixado de dar entrevistas há pelo menos duas décadas, o campinense Cassiano forneceu, indiretamente, boas histórias a outros jornalistas que ouviram “nãos” e “sins” dele

Entrevistas foram se tornando bastante raras com o passar do tempo



Foto: Otávio Magalhães/Estádio Conteúdo

voz masculina atendeu a ligação. “Então eu me apresentei, ‘Sou jornalista e quero fazer uma entrevista com Cassiano’. A pessoa do outro lado, bem ríspida, me respondeu: ‘Não tem nenhum Cassiano aqui!’, e desligou o telefone na minha cara”, assinala André, que havia conhecido o paraibano, ao assistir o videoclipe de “A lua e eu”, gravado pelo *Fantástico*, anos depois da exibição original. “Eu guardo comigo uma sensação que, de fato, eu cheguei a falar com ele. E dentro do jeito dele de não querer holofotes e tal, foi o próprio Cassiano quem me deu esse fora aí”, conjectura.

Sobre a valorização do artista depois de seu auge, compondo hits para Tim Maia e alcançando êxito pessoal com o *Cuban Soul: 18 Kilates*, Cananéa lamenta que o Brasil tenha “esquecido” Cassiano, a despeito do fato de ele ser um dos pioneiros da *black music* no Brasil. O jornalista alega que outros grandes nomes, como João Gilberto e o próprio Jackson do Pandeiro, tiveram mais sorte e conseguiram consolidar-se como ases em seus segmentos. “Ele tinha um timbre muito muito suave e muito próprio. Um canto elegante que, ao mesmo tempo, me lembra muito cantores norte-americanos como Smokey Robinson e Sam Cooke. Melodias como ‘Coleção’ sintetizam muito desse trabalho”, pondera.

Jornalista paraibano André Cananéa tem a impressão de ter levado um fora de Cassiano por telefone



Foto: Carlos Rodrigo

Música para Alexandre

O paulista Sérgio Martins teve mais sorte — conseguiu contatá-lo em 2000 para a *Veja*, quando do lançamento do compilado *Coleção*, produzido por Ed Motta e Ronaldo Bastos para o selo Duba — 14 faixas extraídas dos três primeiros discos do cantor. Encontrou, do outro lado da linha, um artista afável e receptivo às perguntas à princípio. “Aí depois uma amiga minha, Cris Ramalho, tentou falar também. Ela me disse que, segundo a mulher do Cassiano, na época, ele não tinha gostado da matéria da *Veja*, que não era nada aquilo. Pouco tempo antes, quando Tim Maia morreu, ele tinha dado uma tremenda entrevista para o Mário Marques, de *O Globo* e outra à Valéria Rossi, da *Showbiz*”, relembra.

A personalidade complexa do artista junto à imprensa também tinha eco no trato com os colegas. Em outro dos “causos” coletados ao longo da carreira por Martins, Paulinho Guitarra, outro musicista célebre, passou anos trabalhando num disco com o paraibano, mas que nunca foi lançado, pelo medo constante que tinha de ter o trabalho roubado. “O próprio Tim tinha uma frase sensacional: Hyldon é o ‘rei do grilo’ [gíria para preocupações]. Cassiano é o próprio grilo. Lembro que também entrevistei Camarão, irmão dele e companheiro em Os Diagonais. Ele tinha se convertido, virado pastor evangélico e disse ter tentado, inclusive, fazer com que ele ‘trilhasse o caminho da fé’, digamos assim, mas acho que não conseguiu não”, palpita.

O fato de Cassiano ter se tornado conhecido por músicas de maior apelo popular,



Foto: Arquivo pessoal

Sérgio Martins foi bem-recebido por telefone, mas, depois de publicada na “Veja”, a matéria não agradou ao artista paraibano

como todas as que citamos até aqui, coabita, segundo Martins, com outra questão: o restante do cancionário do paraibano ser menos absorvido devido à experimentação e sofisticação em arranjos e versos. Tentativas de reconexão com o público contemporâneo, a exemplo do álbum-tributo *Cedo ou Tarde* confirmam essa tese, na visão do jornalista. “Hoje em dia, pessoas que têm essa autenticidade que o Cassiano tinha, encontram cada vez mais dificuldades em serem aceitas. Porque o público em geral quer é o comum, o banal. A culpa é do público mesmo? Eu não sei. Mas é o que a gente tem, atualmente”, alega.

Em abril deste ano, o repórter Lucas Breda, da *Folha de S.Paulo*, publicou matéria extensa sobre o espólio de Cassiano, dando conta do álbum que o artista deixou arquivado junto à Sony e a outras séries de gravações, armazenadas em fitas cassetes. Paulo Junqueiro, presidente da gravadora, chegou a conversar pessoalmente com o artista sobre o disco de 1978, que “contra-atacou” com a possibilidade de lançar um projeto inédito. A conversa não foi adiante e esfriou o desenga-

vetamento da empreitada anterior. O material foi trabalhado inicialmente pelos produtores musicais Rodrigo Gorky e Alexandre Kassin, mas a ausência de créditos dos músicos participantes também ajudou a paralisar o intento.

Em entrevista ao *Correio das Artes*, Breda confidencia que ouviu o LP arquivado e uma parte dos cassetes. O primeiro, segundo o repórter, perfaz um álbum mais dançante — orientado, muito provavelmente, pela ascensão da discoteca, no final dos anos 1970 —, mas que em razão dos arranjos concisos parece carecer de pós-produção, algo que, infelizmente, não pode ser confirmado pela ausência de Cassiano: “Já as [fitas] *demo* são de outros períodos. Tem algumas músicas ali que pegam mais pra esse lado romântico. Uma, inclusive, ele fez pro Alexandre Pires cantar, algo que já cai mais nesse lado *soul* e mais reconhecível de Cassiano, de “Alua e eu”. São dezenas de fitas e algumas possuem apenas ideias de arranjos”, informa.

O diálogo de Breda com Cássia e Clara, esposa e filha, respectivamente, confirmaram algumas impressões mantidas em torno de Cassiano, como a de que ele tinha ressentimento pelas grandes gravadoras, por ter sido menosprezado a partir do seu declínio comercial: dos músicos caros com equipes de ponta, ele passou a utilizar estúdios emprestados por amigos. Mas do contato com os parentes, emergiram outras curiosidades, como a de que aprendeu a tocar piano na idade adulta. “Ele era um cara muito dedicado à música, realmente um *nerd*, vamos dizer assim. E tinha um traço muito forte de arranjador, não escrevia música formalmente, mas ditava os arranjos, assim como Tim Maia fazia”, garante.

A timidez do paraibano também era uma de suas marcas e foi alçada a um estágio muito maior com o sucesso de *Cuban Soul*. O preconceito racial e a xenofobia faziam ele recusar aparições em revistas e programas de TV. A desconfiança, diz Breda, o colocou ensimesmado nos

estúdios, onde se sentia mais à vontade e livre para criar: “Mesmo nos últimos anos de vida, ele nunca parou de compor, de escrever. A família tem vídeos dele em casa, tocando informalmente, brincando com os parentes, contando histórias. Gostava de desenhar. Não tinha uma vida social agitada, ele era caseiro, mesmo”.

O caráter perfeccionista de Cassiano lhe colocou em xeque quando da renegociação do disco de 1978: Breda coletou relatos de que, na reunião com a Sony, o preciosismo do cantor minou a possibilidade de recursos para um projeto inédito. Ao mesmo tempo, tanto Cassiano, em vida, quanto os parentes, agora, são reticentes quanto a retrabalhar o LP arquivado, que permanece sem avanço quanto a qualquer lançamento, arrematou Breda. “O pessoal conta que o artista era muito generoso. Assim que ele ganhava o cachê, mandava todos os músicos para uma churrascaria. Só que por mais humilde e tranquilo que fosse, ele reconhecia o talento dele, né? E sentia, enfim, que o mundo não reconhecia”, finalizou.

Foto: Otávio Magalhães/Estadão Conteúdo



Timidez do paraibano também era uma de suas marcas; o preconceito racial e a xenofobia faziam ele recusar aparições em revistas e na TV

Hylton lembra que conheceu Cassiano nos idos de 1969, quando passou a ser guitarrista do grupo Os Diagonais, ainda que não fosse membro oficial da banda



Foto: Rafael Arbex/Estadão Conteúdo

Velho companheiro

Nascido em Salvador, na Bahia, Hylton, cantor e compositor de êxitos como “As dores do mundo” e “Na sombra de uma árvore” dividiu as prateleiras das lojas de discos e a programação das rádios com Cassiano, ao longo de 1976, graças ao êxito de *Na Rua, na Chuva, na Fazenda*, álbum de estreia do artista. Mas os amigos não compartilharam apenas esse sucesso. Numa entrevista exclusiva para o *Correio das Artes*, o intérprete revela que mantinha outras semelhanças com o paraibano, no tocante às suas origens — ambos nor-

destinos, vieram com a família para o Rio de Janeiro com a mesma idade — seis anos, ainda que esses processos migratórios tivessem quase uma década de diferença.

Hylton lembra que conheceu Cassiano nos idos de 1969, quando passou a orbitar o círculo de instrumentistas que compunham Os Diagonais, ainda que não fosse membro oficial do grupo. Tinha, na época, 16 anos, e ficava à cargo da guitarra. Quando a banda decidiu seguir em viagem pelo Brasil, em busca de palcos para tocar, o artista soteropolitano sugeriu que comessem por seu estado natal: “Lá, teria minha família para me dar suporte. A gente foi achando que iria tocar em todo o lugar e não foi

bem assim. Uma das primeiras cidades foi Juiz de Fora, não arrumamos show, não arrumamos lugar nenhum pra tocar e o Camarão [irmão de Cassiano] teve que sacar dinheiro no banco para pagarmos o hotel”.

Acharam espaço para apresentações em puteiros, adicionando o suingue do *soul* aos *covers* de Waldick Soriano e Nelson Gonçalves. Chegaram a ser presos durante das viagens — Hylton foi acordado por um policial armado, que os conduziu à delegacia; foram liberados porque não localizaram drogas ou quaisquer aspirações comunistas nos jovens cabeludos: “Um dos pontos altos do show era o irmão do Cassiano imitando Coronel Ludgero, com uma voz meio rouca. Tim

ouviu, criou a canção 'Coroné Antônio Bento' para o primeiro disco dele e chamou o Camarão pra tocar pra cantar a segunda parte. Porque pouca gente sabe disso porque ele não foi creditado no disco, infelizmente”.

Acompanhando as gravações dos álbuns de Cassiano durante os anos 1970, Hyldon coletou histórias sobre as canções produzidas no período – “Eu, meu filho e você”, incluída no primeiro disco, chegou a ser oferecida para Roberto Carlos, que declinou. Comparando as trajetórias deles com a de Tim Maia, o letrista da “casinha de sapê” diz que o último tinha uma visão mais ampla do mercado fonográfico: “A gente era mais ‘pela arte’, sabe? Queríamos fazer coisas diferentes, criar. Não tínhamos essa ânsia pela mídia. Cassiano eu preferíamos passar como incógnitos. Quando as pessoas ficam famosas, elas se fecham. Você não consegue chegar num lugar e observá-lo, porque está todo mundo te observando”.

A reportagem quis saber se Cassiano comentava sobre a Paraíba e os primeiros anos no estado. Hyldon disse que tanto ele quanto o amigo não tinham recordações dessa primeira infância, ainda que tenham levado consigo muitas das influências nordestinas em sua obra. Permaneceu próximo do artista falecido até os seus últimos anos. E assim como todos os demais entrevistados ele assevera a importância de cravarmos o paraibano em nossa memória. Ao se apresentar em Campina Grande, há alguns anos, Hyldon entoou “A lua e eu”: a plateia cantou junto, mas, lamentavelmente, o cantor ouviu resposta negativa quando perguntou ao público se sabiam quem era Cassiano, o inesquecível autor dos versos.

Muro em homenagem

A reverência durante o 8º Festival de Música da Paraíba não será a única homenagem promovida pela Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) para Cassiano: o Concurso de Arte Grafite em Muro, da Rádio Tabajara FM 105.5, ocupará a fachada da emissora, situada no bairro do Castelo Branco, na capital, com uma arte sobre a música “Primavera”, o seu primeiro êxito. Durante o mês de maio, serão avaliadas as propostas de utilização do espaço: o resultado será divulgado em 23 de maio e a execução da empreitada deve começar em 1º de junho. O projeto selecionado pelo certame será laureado com R\$ 7000, entregues após a conclusão da pintura.

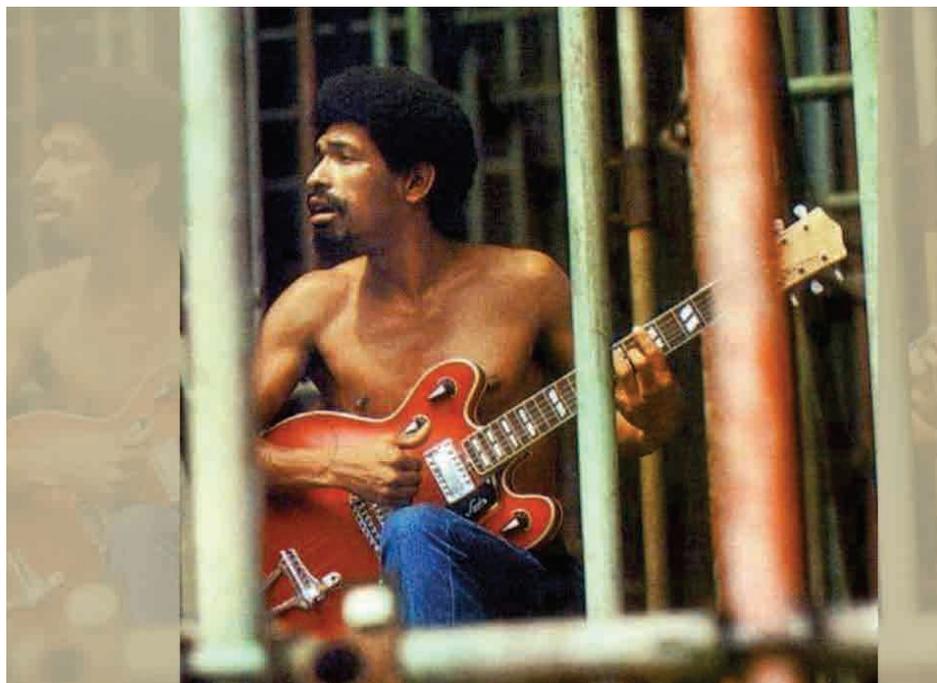
O evento de música promovido em conjunto com a

Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) começa, a propósito, na terra de Cassiano, Campina Grande, com as primeiras eliminatórias, nos dias 22 e 23 de maio – em cada um das datas, serão apresentadas 15 canções. A grande final acontece no Espaço Cultural, na capital, em 31 de maio, com R\$ 30 mil em prêmios. Rui Leitão, diretor de Rádio e TV da EPC, celebra a oportunidade de homenagear Glorinha Gadelha e Cassiano – ainda que o segundo não tenha consolidado sua carreira no estado. “A geração contemporânea terá, assim, a oportunidade de conhecer a obra musical dele e de outros conterrâneos que não estão mais entre nós”, conclui o gestor.

Esmejoano Lincol é repórter do caderno de Cultura de **A União**. Também é mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, atualmente, é graduando em Cinema e Audiovisual na mesma instituição. Mora em Rio Tinto (PB).

Concurso de Arte Grafite em Muro, da Rádio Tabajara FM 105.5, ocupará a fachada da emissora, na capital paraibana, com uma arte sobre a música “Primavera”

Foto: Reprodução/Universal Music





Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

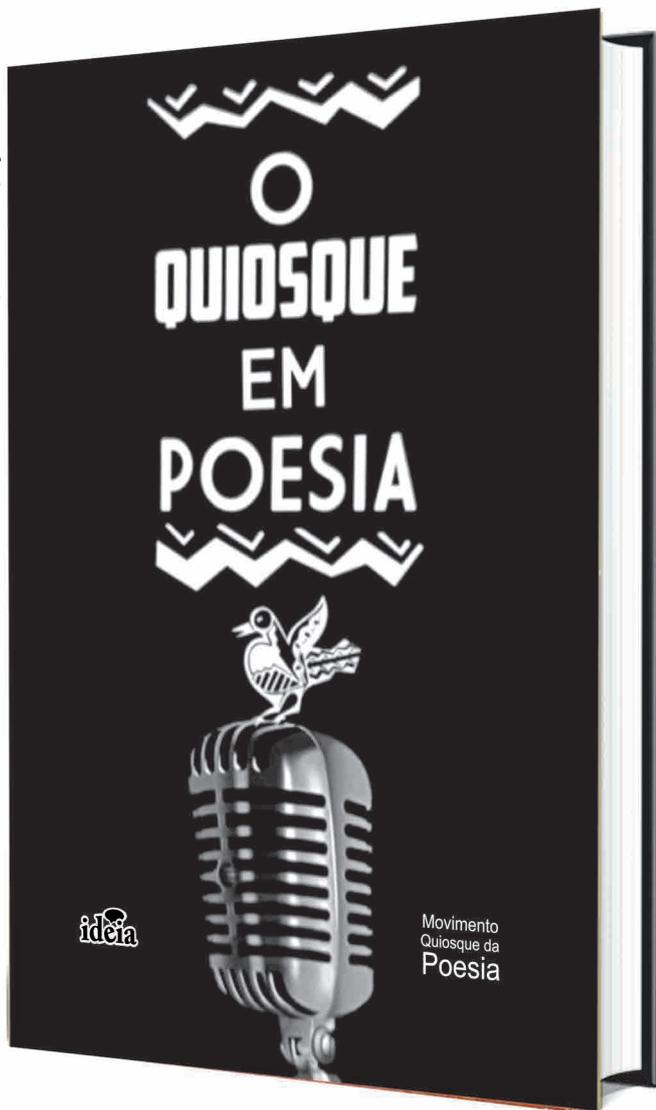
Convivência

crítica



Quiosque e poesia

Imagem: Divulgação/Ideia



Capa da coletânea "O quiosque em poesia" (Ideia, 2025), que reúne 13 autores que, dentro de suas possibilidades criativas, se socorre da poesia como forma de elocução básica e de ativismo artístico e cultural

Da tradição oral e popular ao cancionero erudito, são muitas as esferas contempladas pela poesia. Seus modos de proceder, no corpo da linguagem verbal, assume direções várias e matizes diferenciados.

Uns poetas se aconchegam ao conforto dos modelos consagrados, e outros, dando vazão a ousados experimentos técnicos e formais, procuram sulcar o árido chão dos discursos inventivos.

Diria que existe (e permanece!) uma poesia que brota da vivência afetiva e imaginária das comunidades, calcada nas formas fixas e na métrica rigorosa do verso, atenta, sobretudo, ao peso melódico da rima e à cadência de ritmos consoantes, harmoniosos, enquanto táticas retóricas exploradas e determinantes.

Em geral, essa poesia agrada ao ouvido e se revela, no poema, no soneto, na sextilha, na décima, no terceto, na quadra, no dístico, inteiramente entregue à funcionalidade das palavras no seu ajuste e encanto musicais.

Na sua particular manifestação, essa poesia parece colada mais aos imperativos de uma forma cristalizada, falando, em primeira mão, dos sentimentos e das emoções, do que enraizada no pensamento crítico ou na exegese irônica e distanciada que caracteriza a poesia moderna.

Ao áspero e agudo olhar de uma dicção lírica focada no elemento trágico da vida e num obsessivo compromisso com a linguagem, se contrapõe, ou corre, em paralelo, uma expressão poética mais amena, espontânea, simples e perfeitamente em sintonia com o horizonte de expectativa do leitor comum e das coletividades tradicionais.

Trago o assunto à tona, porque acabo de ler o livro, *O quiosque em poesia*, organizado por Melchior Sezefredo Machado (João Pessoa: Ideia, 2025), com prefácio de Demétrius Faustino e homenagens, *in memoriam*, aos poetas Marcello Piacó e Beto Cajá.

A rigor, não se trata de uma antologia, uma vez que as antologias, pelo menos as que se prezam, procuram privilegiar

o critério estético. Trata-se, portanto, de uma reunião de 13 autores e seus respectivos textos, que pressupõe o senso de organização de um repertório de um grupo específico que, dentro de suas possibilidades criativas, se socorre da poesia como forma de elocução básica e de ativismo artístico e cultural.

São eles, pela ordem alfabética do sumário: Bebé de Natércio, Bira Delgado, Cabral Abrantes, Gilmar Leite Ferreira, Maria da Paz, Marconi Araújo, Melchior Sezefredo Machado, Merlânio Maia, Nelson Nunes Farias, Pedro Fernandes de Araújo, Poeta Nascimento, Raniery Abrantes e Wellington Vicente.

Confesso que não conheço todos, mas conheço alguns

desses poetas e acompanho a trajetória de cada um deles na medida do possível. Além de bardos do verso, são declamadores, cantores, cantadores, intérpretes e compositores, triilhando, assim, faixas múltiplas no campo da criação.

Alguns, embora não se desvinculem das raízes orais mais atentas aos sabores da cantoria e do repente, incursionam, no entanto, pelas veredas da expressão erudita, a fundir, numa mesma composição, aspectos temáticos e estilísticos das vertentes clássicas e populares.

A propósito, tal fenômeno, de ordem artística, não tem sido incomum, pois vozes eruditas se valem das vozes populares, assim como vozes populares se abastecem das vozes eruditas no complexo modular da elaboração poética.

Ambas as vertentes culturais e estéticas se alimentam uma da outra na aventura dialógica dos processos literários, redimensionando o movimento da tradição que, se a rigor não se renova nem se reinventa, persiste e resiste, garantindo, assim, a continuidade do canto.

Vejo, por exemplo, esta curiosa fusão, de teor armorial, na dicção de um Merlânio Maia, quando, à página 72, funde Sartre e Jesus, nesta estrofe de 11 versos:

*Jean Paul Sartre diz que os
[outros
São o inferno mais cruel,
Mas Jesus prega que eles
São a passagem pro céu.
E eu fico com o mestre amado
Que constrói o seu reinado
Bem dentro do coração.
E o mandamento que traz
É o amai-vos muito mais,
Pois no amor reside a paz
Que nos dá libertação!*

*Uma curiosa fusão,
de teor armorial, por
Merlânio Maia, funde o
filósofo existencialista
francês Jean-Paul Sartre
(ao lado) e Jesus Cristo*

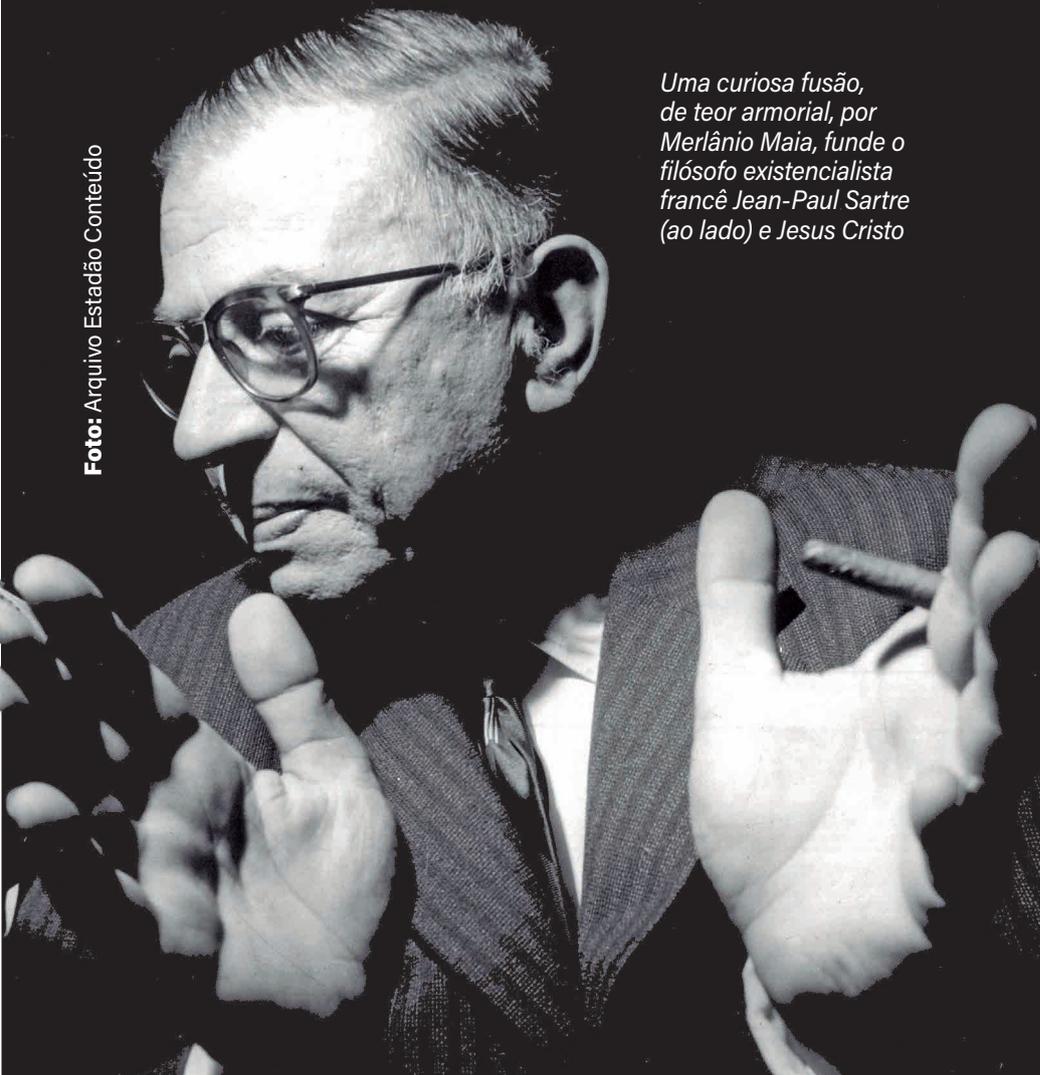




Foto: Reprodução/Instagram

Poeta Melchior Sezefredo Machado,
o organizador da coletânea "O
quiosque em poesia"

Mais apegado aos signos de uma erudição filosófica e literária, conquanto faça ecoar, ao som dos decassílabos, certo pendor de oralidade, comparece o menestrel do Pajeú, Gilmar Ferreira Leite, com este soneto, *A vida é movimento* (p. 37), de nítido viés anjosiano:

*De Heráclito eu faço o movimento
E o "Élan Vital" de Bergson eu sigo,
Não tenho medo de algum perigo
E o que vale é viver cada momento.*

*Bebo o Lete para ter o esquecimento
Do que foi ontem, que não mais persigo,
E alcançar o amanhã, eu sei, consigo,
Pois o sol do querer me deixa atento.*

*Sigo em frente buscando um novo canto
E distancio qualquer mágoa ou pranto,
Dando passos, sem olhar para trás.*

*O importante é buscar outra direção
Conduzindo o amor em cada mão,
E dentro do peito o coração em paz.*

Melchior Sezefredo Machado, por sua vez, investe no soneto lírico, acomodado aos padrões convencionais, porém, com domínio técnico de ritmo e metria, sempre na pauta confessional das emoções subjetivas. Numa tirada de conotação metalinguística, assim se expressa, em *Poeta ultrapassado*, à página 66:

*Sou poeta do século passado,
Tradutor de ideias que nem vigem
Neste mundo presente, obcecado
Pelo ego... Viver me dá vertigem!*

*As paisagens mudaram e são frias:
Monumentos erguidos de concreto
E pessoas soberbas e vazias
Que não sabem de amor e nem de afeto.*

*Sou poeta, eu sei, ultrapassado,
Para o mundo voraz em que vivemos,
Onde o amor já não é considerado*

*Como um bem, que antes tínhamos sublime.
Mas eu amo, e creio que nós temos
O direito de amar... Nada o suprime!!!*

Bira Delgado, Poeta Nascimento, Bebé de Natércio e outros traem seus vínculos quase sanguíneos com o cancionista popular, com a ordem da musicalidade e, às vezes, do espanto perceptivo, que integra o melhor tecido da tradição, da declamação e do repente.

Observo, em Bebé de Natércio, intensa inclinação pela oralidade e uma que outra insinuação dialógica com seus pares, a exemplo do registro desta estrofe (p. 17), a partir de um mote de Daudeth Bandeira, em que ecoa aquele típico nonsense de linhagem limeiriana:

*Numa tarde cansadeira
Fui tomar “bae” no riacho
E uma aroeira de cacho
Tava cum a tremedeira.
Eu estando de bobeira
Comecei a matutar,
Botei força pra lascar,
Mas libertei o TROVÃO,
Fiz isso sem precisão,
Avalie se precisar.*

Poeta Nascimento, em suas décimas em redondilha maior, evoca a natureza, motivo seminal e recorrente da poesia popular. A de número cinco, à página 90, ilustra muito bem:

*Eu canto a natureza
E também o firmamento
Sou o poeta Nascimento
Moro aqui na redondeza
A minha maior grandeza
É fazer verso e cantar
Meus poemas declamar
E a festa continua
Eu faço verso pra lua
Pro sol, o céu e o mar.*

Já Bira Delgado, valendo-se da mesma forma poética, traz outro motivo emblemático do

Foto: Reprodução/Instagram



Gilmar Ferreira Leite, o menestrel do Pajeú, está presente na obra com o soneto, “A vida é movimento”

“Além de bardos do verso, (os autores) são declamadores, cantores, cantadores, intérpretes e compositores, trilhando, assim, faixas múltiplas no campo da criação”

lirismo oral, para glosar, com singeleza e sensibilidade, um mote de Ramon Parente. Veja-se a décima *Saudade dói*, página 27:

*A saudade é pontiaguda
Que dilacera coração,
Corta, rasga, tora botão,
Creio que seja graduada...
O que faz essa malvada
Me deixando no sofrimento,
Nos recortes do movimento
Vou tentar a formosura,
**Saudade é uma costura
Na linha do pensamento.***

Raniery Abrantes, como o faz Gilmar Leite Ferreira, não esconde a presença aguda de um Augusto dos Anjos, quer na batida métrica, quer no vocabulário, quer no sentimento do mundo, no melódico soneto (*Eu*)na sombra de um morcego, página 97, que, aqui, transcrevo:

*Eu sou o que sozinho anda perdido,
Eu sou o que caminha mendigando.
Eu sou o que as dores saí cantando,
Eu sou o pergaminho encardido.*

*Eu sou um vil poeta entristecido,
Eu sou um corpo inerte entre as feras.
Eu sou os olhos negros das panteras,
Eu sou um assassino arrependido.*

*Eu sou o que pertence ao submundo,
Eu sou um vagabundo moribundo,
Um fantasma que vem de priscas Eras.*

*Eu sou o que se esconde numa sombra...
Na sombra de um morcego que me
assombra
Na torre do castelo das quimeras.*

Maria da Paz, única voz feminina desta mostra, mesmo que situada no contexto da tradição oral e popular, apresenta, no minimalismo moderno do poema *Fê* (p. 48), um terceto, lacônico e eloquente, na sua irradiação semântica, senão vejamos:

*Vi que ela deixou
lá na sala dos milagres
o lenço e a dor.*

Foto: Edson Matos/Arquivo A União





Cabral Abrantes, Marconi Araújo, Nelson Nunes Farias, Pedro Fernandes Araújo e Wellington Vicente completam, cada um à sua maneira e de acordo com os protocolos técnicos e literários que conduzem suas escolhas temáticas e estilísticas, a diversidade do acervo desse quiosque poético.

Temos, assim, perpassada esta mescla de poemas diversos, uma coletânea plural, um quadro de expressões diferentes e singulares, irmanadas, no entanto, pela dedicação e pelo amor à poesia, na sua manifestação mais espontânea, mais simples e mais natural.

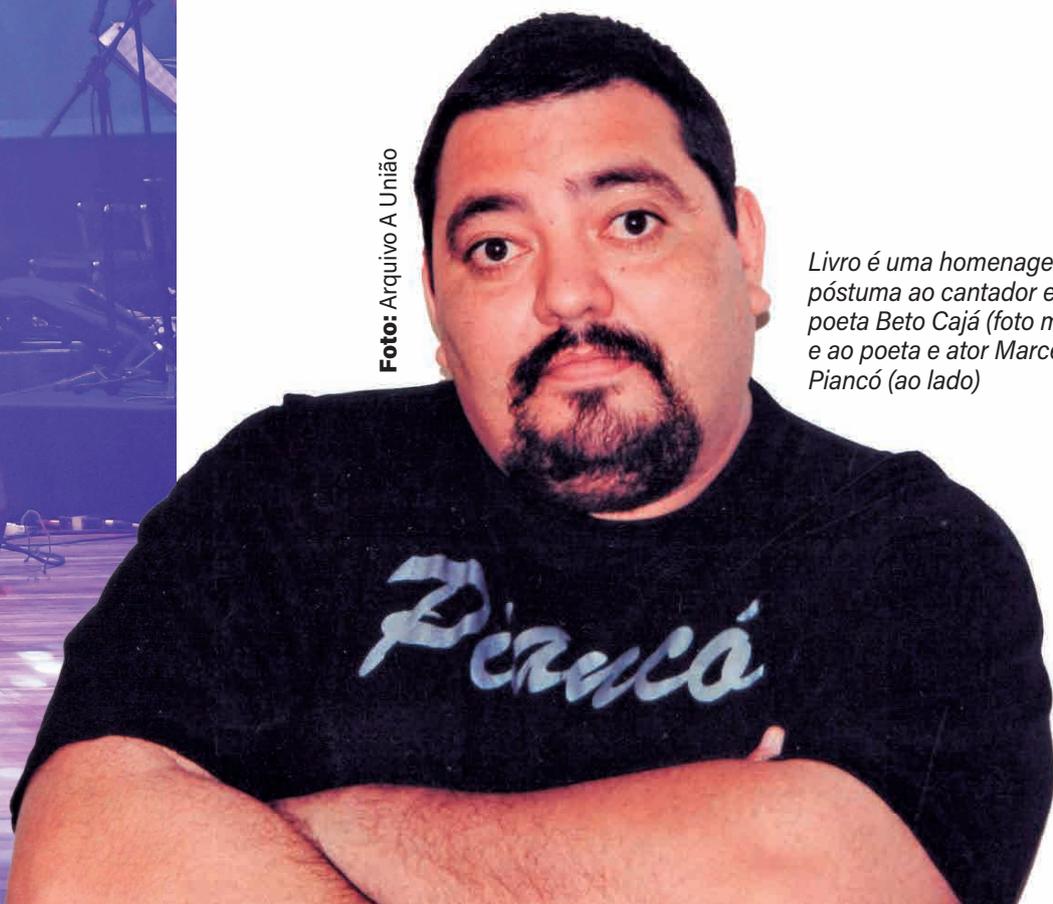
Uma poesia cujas raízes advêm dos veios originais e que decanta os sentimentos do

povo, na sua ingenuidade e na sua sabedoria. A essa poesia pouco importa a pauta dos dispositivos estéticos, defendidos e esposados pelas vertentes eruditas e experimentais. Pouco importa o cerebralismo, a erudição, a inventividade.

Diria mesmo que estamos diante de uma poesia que tem seu público especial, com suas demandas particulares, seus ouvintes e seus leitores. Uma poesia mais da fala que da escrita; uma poesia que passa ao largo de certas exigências de correntes teóricas modernas e de vanguarda, e, por isto mesmo, atenta, sobretudo, à presença e ao calor da emoção experimentada ao vivo nas tertúlias e nos recitais.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor diversas obras no campo da poesia, crítica, crônica e ensaio. Mora em João Pessoa (PB).

Foto: Arquivo A União



Livro é uma homenagem póstuma ao cantor e poeta Beto Cajá (foto maior) e ao poeta e ator Marcello Piancó (ao lado)



O anteceder da hora

*No mastigar das horas
quero esfacular o sentido guardado
da vida em penhora.*

*Quero o escândalo das horas
apertando o íntimo peito,
e da pressão extensiva,
o pulo,
o soluço.*

*A vida aperta o nó
e faz do coração o leito,
em turgidez
carimba passagem no peito,
e a nudez é um mero proveito.
Um risco emergente
que faz da gente
pungente da insensatez.*

*Quero o proveito de um vida
que antes ressequida
quis ser bem nutrida
no ribombo oco do que se chama vida.*

*Quero apossar-me
da hora que o escândalo nasce,
e em relutância enviesada,
verga,
preciso anteceder o segundo
antes que o minuto aconteça.*

*E no anteceder das horas
ceder e idolatrar o sentido,
silenciar o peito sustentado
no acorde semicerrado
ouvir o vibrato
de um tom — coração.*

Amor no mar

*Como o rio deságua em março
estou indo te encontrar,
como a bela menina em seus quinze anos
aperta o laço,
e eu na vida esgueirando aperto o passo;
sozinho a continuar.*

*Os sete dias sozinhos
as sete noites a sonhar,
e eu perdido em desvario
no sonho nem consigo te encontrar.*

*Os setes das vidas em ciclos
renovam meu amor no mar,
O mar revoltado guarda o sigilo
sepulta vidas,
daqueles que partiram querendo amar.*

*Os ciclos repetem
e eu em favor do mar,
não encontro ilha
a qual possa me abrigar,
os sonhos padecem
de ondas ao destino enviar,
soluços em formas de conchas
segredos na areia do mar.*

de Vasconcelos

Ilustração: Bruno Chiossi

Herança Mulher

*Cala-me feito censura
levo a vida gravura
racho-me em rupturas
presa a elo de desventuras.*

*Porventura sou eu,
de média ou pequena estatura
qual negra escravatura
Por que vivo de ataduras?*

*A partitura tem anseios curativos,
tem batuques, atabaques e tambores
e mostra saudade,
hino de herança e de amores*

*Sou feita de contradiscursos...
Sim !...*

*Na história borradura
sofro de preconceitos e grossuras,
mas mantenho a compostura
Acaso, tenho armadura?*

*Me visto de minha própria cultura
e de inestimáveis e silenciosas leituras,
sólidas e perspicazes.
Sou Negra pintura
na sociedade assinatura
Sou aquela que vem e faz*

Resposta a Bocage

(Resposta ao "Soneto da puta novata")

*Eu sou filha da negra Maria
De impulsos e sofreguidão de outrora
Cujo pai alvo, no tempo esquecia,
Noite e dia em demora.*

*Sou filha da Noite
Cavaleira de tantas cavalgadas?
Sedutora? Dizem as más línguas
de noites animadas...
Não rifa preço, nem objeto pelo açoite.*

*A mim sobrou a escória?
Das alcoviteiras, madames-senhoras
Sou criada, mas bato o pé,
Sou menina e em verdade mulher.*

*Me chamam Puta,
como se fosse prometida por tostões.
Mas reajo! No auspício dia
Gritos, pancadas e sussurros se ouvia
e o preconceito escorregando a escada se via.*

Giulliana Silva de Vasconcelos é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas – UFPB) e Licenciada em Letras Português (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.



Ensaio



Leonardo Ariel



Elanxirle Teixeira

Especial para o *Correio das Artes*

Osertanejo, mesmo vivendo no litoral e na capital, tem de voltar ao Sertão para beber da água do pote das suas origens. O ensaio fotográfico a seguir promove um pouco desse reencontro.

Com o olhar de quem vem de fora, Leonardo Ariel revela beleza no cotidiano da vida simples e aguerrida, repleta de cores, formas, texturas e detalhes, de quem tem no Sertão seu sangue, sua casa, seu sustento e seu amor.

É como se o fotógrafo percorresse os caminhos de chão batido seguindo as palavras de Gonzagão: “Guardando as recordações das terras onde passei. Andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei”.







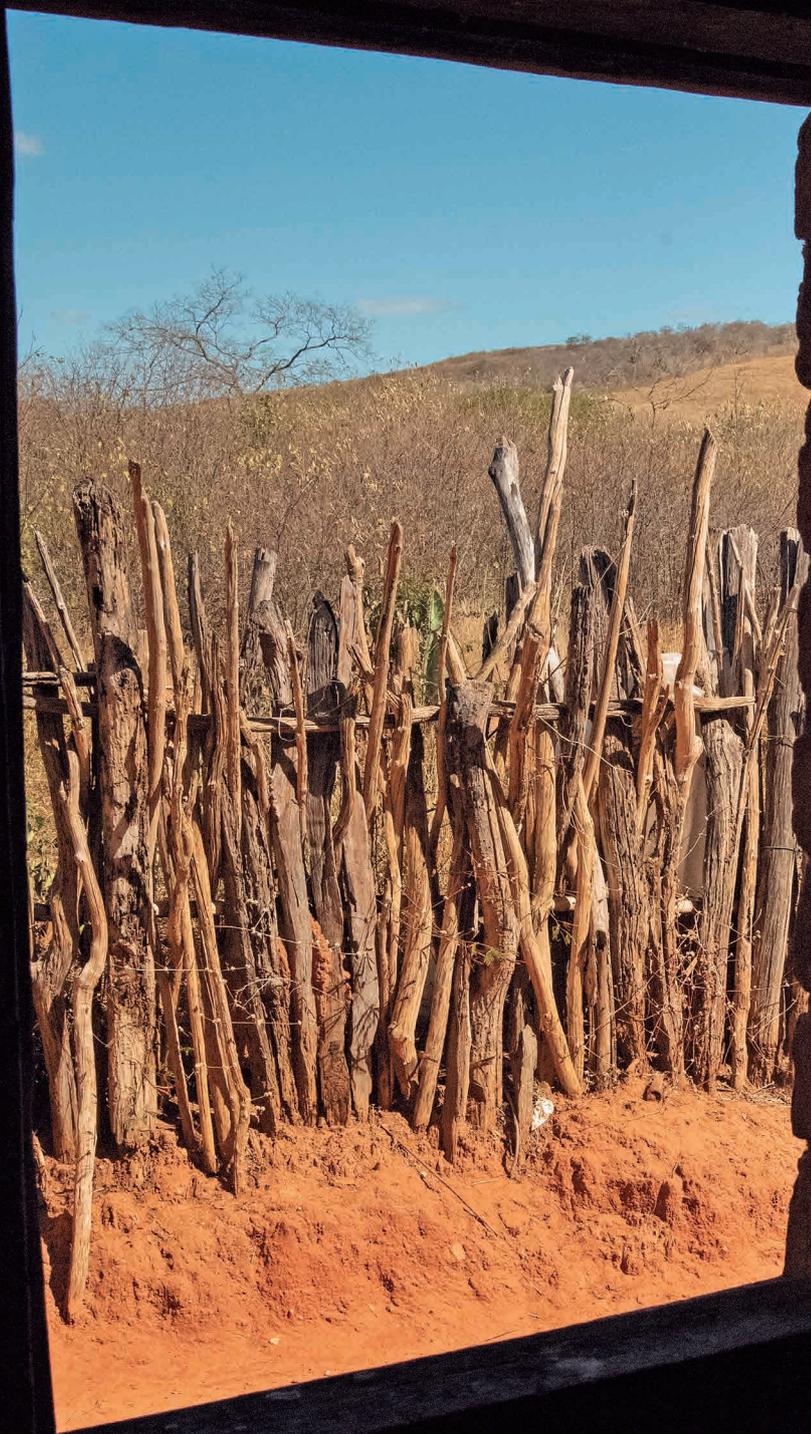
















Leonardo Ariel é natural de Curitiba (PR) e aprendeu fotografia cursando Jornalismo, na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), assim como na especialização em fotografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Na última década, visitou o Sertão nordestino várias vezes, onde registrou o cotidiano das pessoas que gentilmente o receberam.



João Batista de Brito
brito.joaobatista2@gmail.com

Imagens

amadas

“Soneto 73”, de William Shakespeare: Uma tradução comentada

Na Inglaterra da segunda metade do século 16, durante a chamada Era Elizabetana, escrever sonetos era uma moda que os poetas mais renomados abraçaram com franqueza. Como permitia o costume, muitos desses sonetos eram dedicados a alguém que o poeta admirava, geralmente um superior na corte, que podia eventualmente fazer o papel de patrono ou mecenas, mas também podiam ser endereçados a uma mulher venerada ou a um amigo querido.

William Shakespeare (1564–1616) não fugiu à regra e, ao tempo em que redigia e montava a peça *Romeu e Julieta*, entregou-se à composição da série dos seus 154 *Sonnets*, postumamente publicados e numerados pela suposta ordem cronológica de confecção.

Em seu caso, os 123 primeiros são dirigidos ao que a historiografia chamaria de “*a handsome young man*” (“um belo mancebo”), e o restante, a uma misteriosa “*dark lady*” (“dama de pele escura”). Da leitura comparada desses sonetos, a crítica tem tentado arrancar uma história pessoal, cheia de lances homo e/ou hetero-eróticos, isso sem muito sucesso, uma vez que são por demais escassos os dados biográficos sobre o bardo de Stratford-upon-Avon.

Quando se acompanha aquela primeira parte da série o que se nota é que os poemas iniciais, embora decantando a beleza física do jovem mancebo, revelam uma postura, digamos, ambígua, com o poeta por vezes argumentando no sentido de o companheiro, para perpetuar sua própria beleza, contrair matrimônio e ter filhos, o que, evidentemente, ele só poderia fazer com uma mulher.



Um pouco adiante os sonetos vão abandonando esse tipo de argumentação e se tornando, digamos, menos pragmáticos, mais filosóficos, mais metafísicos, com acentuada reflexão a respeito do papel do tempo e da morte sobre as pessoas e as coisas vivas, isto recaindo sobre a relação do eu lírico com o seu interlocutor.

O *Sonnet 73*, que aqui traduzimos, pertence a essa fase. Nele a reflexão recai sobre a possível reação emocional do companheiro, ao tomar consciência de que o tempo passa e faz o corpo do poeta decair. Os críticos biografistas consideram que, ao tempo de sua confecção, Shakespeare teria cerca de 35 anos, idade na época considerada avançada, sobretudo se o companheiro amado era, possivelmente, bem mais jovem.

Leiamos o soneto original, e em seguida, minha tentativa de tradução devidamente comentada. Mas antes, para efeito de melhor compreensão, notar os traços arcaicos da língua da época. Por exemplo, o antigo pronome “*thou*” (*you*”), as formais verbais de segunda pessoa conjugadas com a desinência *st* (“*mayst*”, “*see’st*”, “*perceiv’st*”...), e a desinência de terceira pessoa verbal do singular “*th*” (“*fadeth*”), modernamente “*s*”...

Ao tempo em que redigia e montava a peça “*Romeu e Julieta*”, o bardo inglês se entregou à composição da série dos seus 154 sonetos, postumamente publicados



Imagem: Reprodução/Cambridge University Press

SONNET 73

*That time of year thou mayst in me behold
When yellow leaves, or none, or few, do hang
Upon those boughs which shake against the cold,
Bare ruin’d choirs, where late the sweet birds sang.
In me thou see’st the twilight of such day
As after sunset fadeth in the West,
Which by and by black night doth take away,
Death’s second self, that seals up all in rest.
In me thou see’st the glowing of such fire,
That on the ashes of his youth doth lie,
As the death-bed whereon it must expire
Consum’d with that which it was nourish’d by.
This thou percev’st, which makes thy love more strong,
To love that well which thou must leave ere long.*

SONETO 73

*Em mim tu podes ver a estação do frio
Em que as folhas, poucas e amarelecidas,
Soltam-se dos galhos, esses coros vazios,
Onde as aves um dia foram ouvidas;
Em mim tu podes ver do dia a última hora
Que, posto o sol, se extingue no Oeste
E que a negra noite aos poucos leva embora,
Segundo ser da morte, que a tudo reveste;
Em mim tu podes ver de um fogo o brilhar
Que jaz nas cinzas de sua própria infância,
Qual leito de morte onde deve expirar,
Consumido com o que já lhe foi sustância.
Isso tu vês, que faz o teu amor mais forte
Em amar a quem, breve, te roubará a morte.*

Antes de discutirmos a tradução, seria interessante observar com cuidado a estrutura do soneto inglês, uma forma de alta fixidez, parecida, mas diferente do nosso mais conhecido soneto latino, com o qual partilha quase que somente o número de versos.

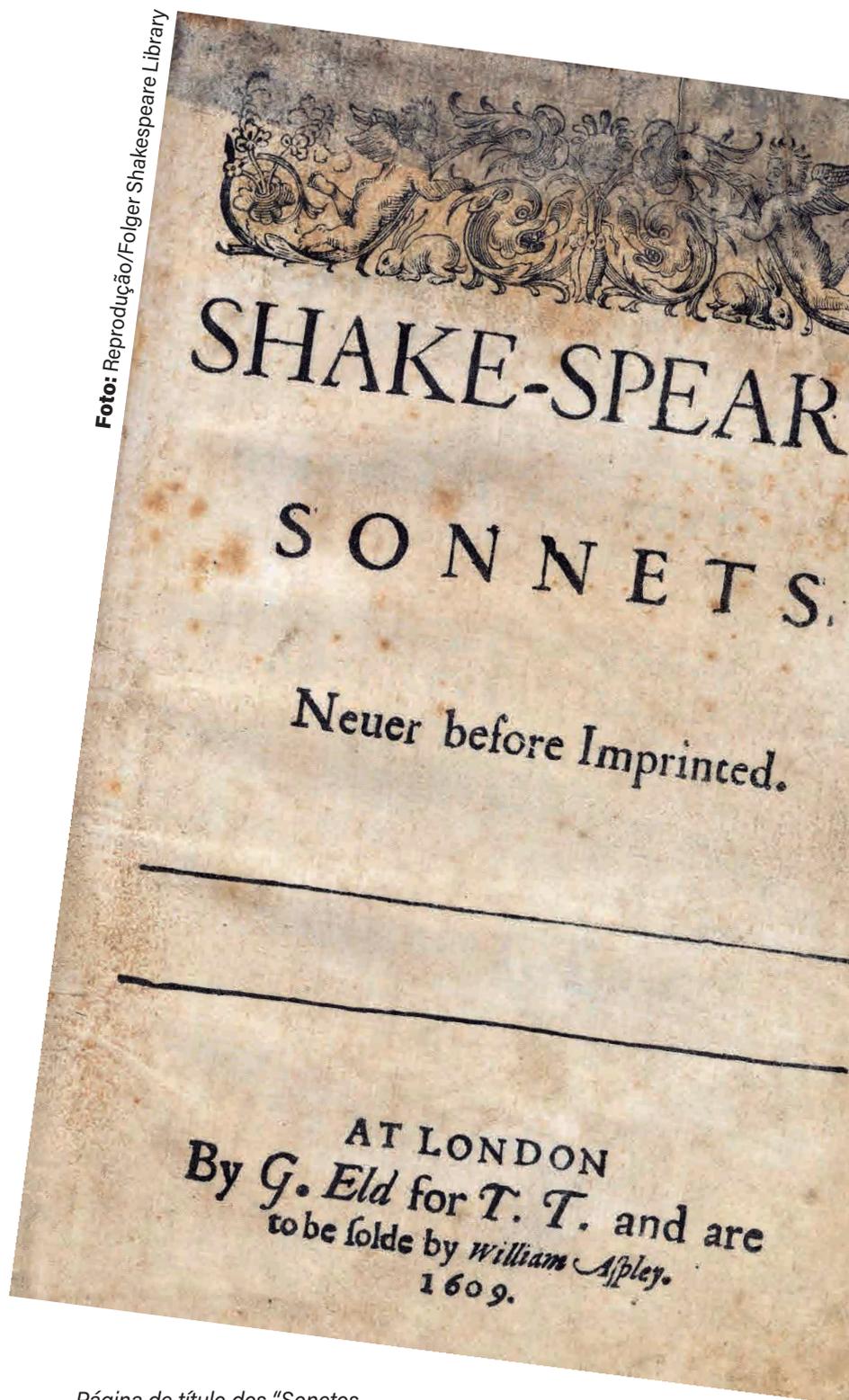
Para quem está habituado ao modelo latino, a primeira diferença é de natureza visual, pois o soneto inglês não divide suas estrofes com espaços em branco: as linhas são consecutivas e a separação é marcada apenas por um tipo de pontuação mais forte. Três quartetos desenvolvem as ideias e imagens, e um dístico opera a conclusão, que tanto pode ser confirmativa, como negativa.

Como toda a poesia inglesa, sua métrica obedece aos moldes da versificação grega, marcando-se as batidas pelo sistema de pés. Assim, os versos shakespearianos são pentâmetros jâmbicos, o que equivale a dizer que possuem cinco pés, sendo cada pé um jambo, isto é, uma unidade de duas sílabas onde a primeira é sempre átona, e a segunda, tônica. O que também equivale a dizer que esses versos, em extensão, equivalem perfeitamente aos nossos decassílabos ($10 = 5 \times 2$).

Na maior parte das vezes, essa medida coincide com a acentuação natural na língua inglesa, mas nem sempre. Assim, um verso como *"that time of year thou mayst in me behold"* é fácil de escandir e soa natural quando recitado, porém, o que dizer, por exemplo, de: *"death's second self, that seals up all in rest"*?

O esquema rimático é invariavelmente o mesmo (*abab\ cdcd\ efef\ gg*) embora, devido a diferenças fonéticas entre o inglês de hoje e o de então, nem sempre fique clara a obtenção

Foto: Reprodução/Folger Shakespeare Library



Página de título dos "Sonetos de Shakespeare", publicado por Thomas Thorpe, de Londres, na Inglaterra, em 1609



**Os versos
shakespearianos são
pentâmetros jâmbicos,
o que equivale a dizer
que possuem cinco
pés, sendo cada pé
um jambo, isto é,
uma unidade de duas
sílabas onde a primeira
é sempre átona, e a
segunda, tônica**

da rima, às vezes tendo-se a impressão de ela não ocorrer (entre “love” e “prove”, por exemplo) quando, na verdade, ocorria.

Como se sabe, a língua inglesa possui palavras mais curtas que o português e, nesse sentido, consegue ser mais sintética e melhor adaptável ao modelo. Como deve agir o tradutor para ser fiel às ideias e aos efeitos? Deve seguir aquela rigorosa estrutura do soneto britânico, ou pode ficar livre para inovar em benefício da consecução de efeitos poéticos próprios?

Conforme se notará, fui ao encaixo de uma espécie de meio termo, mantendo todo o rigor da forma fixa original, com exceção apenas da dimensão dos versos, que estiquei, de modo sistemático, do pentâmetro para o hexâmetro, com isso ganhando duas sílabas gramaticais a mais, sem contar aquelas átonas finais que, em versificação latina, não entram na medição do verso.

Poucos sonetos shakespearianos são tão simetricamente “estróficos” quanto o *Sonnet* 73. Nele a cada quarteto corresponde uma imagem, ou melhor, um feixe de imagens, o dístico fazendo, em conceitos, o seu resumo conclusivo. Essa simetria se revela na própria estruturação sintática, cada quarteto (com variação no primeiro) se iniciando da mesma forma: “*in me thou see’st*” (x2) e (“*thou mayst in me behold*”).

Tal simetria, contudo, é mais complexa do que aparenta. O seu primeiro elemento é mesmo a repetição. Vejam que a situação “dramática” (na acepção de: diálogo veiculado entre dois interlocutores) é a mesma, da primeira à última linha: um personagem fala a um outro, que não responde. E o que X

diz a Y é, em cada quarteto, a mesma coisa, ou quase. Esse quase é importante.

O discurso repetitivo de X pode ser resumido na expressão \ o que tu vês em mim é... \ onde as reticências equivalem a três imagens diferentes, porém, com valor argumentativo igual: em I é o outono, em II é o crepúsculo, e em III, é um fogo se extinguindo.

São imagens diferentes, mas como dito, desempenhando o mesmo papel, cada uma reforçando a outra e, aliás, sendo adiante, resumidas no pronome catafórico do dístico, “*this*” (“isto”). O que torna essas imagens equivalentes é o contexto em que se inserem, no soneto e fora dele.

Vejam que todas têm um sentido temporal, cronológico, cada uma se inserindo numa extensão de tempo maior que elas mesmas. Assim, o tempo do outono é o ano, o do crepúsculo, o dia, e o do, digamos, fogo “moribundo”, a vida breve de qualquer fogo.

Em cada caso a imagem principal (“outono”, “crepúsculo”, “fogo moribundo”) se localiza num mesmo ponto determinado da sua linha temporal: o outono é quase o fim do ano, o crepúsculo é quase o fim do dia, e o fogo moribundo é quase o fim da vida de um fogo. De novo, esse quase é importante.

Se é isso que o companheiro vê no eu lírico, então é a proximidade do fim o que ele divisa. Se quiser, o tema linguisticamente formulado é o da decadência, só que essa decadência não existe apenas na formulação linguística. E nesse sentido, a ordem em que as três imagens aparecem no soneto é de alta pertinência semântica.

Física ou visualmente falando, ou falando de qualquer outro modo, a linha temporal

do ano é mais extensa que a linha temporal do dia, a qual é mais extensa que a linha temporal de um fogo. Isso para não dizer que o outono, em si, é maior que o crepúsculo, que por sua vez, é maior que o momento de extinção de um fogo. Ora, esse fato concede ao poema uma gradação do maior para o menor que homologa o sentido de decadência, verbalmente formulado.

Numa análise mais rigorosa, seria mesmo possível desenhar um gráfico que demonstrasse essa gradação implícita, que poderia ser uma espécie de triângulo de ponta cabeça, pontilhado e cortado ao meio por três traços horizontais, representando, cada traço, cada imagem e seu tempo, o vértice do ângulo inferior sugerindo o fim consumado, em termos do poema, a morte.

Claro, essa gradação implícita, além de seu papel retórico, estrutural, estilístico, cumpre a sua função dramática, agora na acepção tradicional de emotiva: é exatamente pelo fato de ela, essa gradação (tematicamente falando: a decadência!) ser tão rigorosamente simétrica, que o interlocutor, no dístico, incrementa o seu amor. Como no nosso triângulo imaginado, ela inescapavelmente deságua na morte, em termos textuais, o *"thou must leave ere long"*.

Na tradução, a minha ousadia maior foi ter tentado tornar o *Sonnet 73* mais simétrico do que ele realmente é. Assim, ao contrário de Shakespeare, comecei cada estrofe com exatamente a mesma expressão (*"Em mim tu podes ver..."*). Sabia de antemão que iria empobrecer o original em outras instâncias, e quis compensar isso, com essa diminuta contribuição.

Na primeira estrofe a descrição do outono é toda metoní-

nima e este nunca é nomeado (*"that time of year"*) enquanto que minha tradução praticamente o nomeia: "estação do frio". A numeração "caótica", fundamental para dar ideia de imprecisão no original, se perde quando, no seu lugar, digo apenas "poucas", o adjetivo "amarelecidas" sendo a retomada do *"yellow"* de antes, e me permitindo a rima com "ouvidas". "Soltam-se" não corresponde ao *"hang"* original embora não o traia de todo, em vista do *"none"* ("nenhuma") do verso anterior. Em "coros vazios", bem menos expressivo que *"bare ruin'd choirs"*, está talvez a maior perda imagética da estrofe, possivelmente piorada pelo uso de "esses" que, não sei se apropriadamente, quis que correspondesse ao *"those"* de *"those boughs"* ("aqueles galhos"). Não tive condição de manter o dramático *"shake against the cold"* e supus que o frio já estivesse expresso em "estação do frio". Os *"sweet birds"* ("doces pássaros") do original passaram ao mero "aves" e o ato ativo de cantar, ao passivo de "foram ouvidas".

Na segunda estrofe, o meu maior pecado deve ter sido o de transformar o que é eminentemente visual, *"twilight"* ("crepúsculo") em algo temporal "a hora". Acontece que o *"doth take away"* podia ser traduzido por "leva embora" e isto me garantia uma rima fácil. Tive a sorte de poder manter o mesmo *"West"* \ "Oeste" do original, inclusive, rimando com "reveste" que não fica muito longe do *"seals up"* do verso equivalente. Não sei até que ponto o meu "segundo ser da morte", um aposto da "noite negra" (*"black night"*) contém o original *"Death's second self"*, mas foi o que pude fazer.

Na terceira estrofe, eu sei que *"glowing"* seria mais exatamente traduzido por "brilho",

A língua inglesa possui palavras mais curtas que o português e, nesse sentido, consegue ser mais sintética e melhor adaptável ao modelo. Como deve agir o tradutor para ser fiel às ideias e aos efeitos?

Monumento funerário de Shakespeare, memorial na Igreja da Santíssima Trindade, Stratford-upon-Avon, local em que Shakespeare foi batizado e onde ele foi sepultado, dois dias após sua morte



Foto: Reprodução/Oxford University Press

mas de novo, precisava da rima fácil com o “*expire*” equivalente: “*expirar*”. Já não me queixo da mudança de “*youth*” (“juventude”) para “*infância*”, pois acho que não prejudicou o original e de sobejo, me deu essa feliz rima com “*sustância*”, a substantivação fiel do que diz o verso III. 4: “*consum'd with that which it was nourish'd by*” (consumido por aquilo com que foi nutrido).

Com relação ao dístico, não creio ter sido assim tão infeliz, principalmente porque pude contar com a coincidência de duas noções chave, aí, rima-rem em português, a saber, “*forte*” e “*morte*”. Recusei de propósito, e não apenas por razões métricas, o “*perceiv'st*” do original, pois quis que a simetria fosse garantida no poema inteiro com a repetição de \ ver \. Ousei traduzir o “*that*” final (referente a pessoas ou coisas indistintamente) para o menos ambíguo “*quem*” e desloquei a difícil – para a compreensão do poema – condição de sujeito do pronome pessoal “*thou*” (“*thou must leave ere long*”), para o objeto “*te*”, e criei o sujeito por minha conta própria, um sujeito no original apenas subentendido: “*a morte*”. Nisso fui mais explícito, e também, claro, mais prosaico que o poeta.

Como sempre, traduzi traindo e empobrecendo o original, e sinto que não poderia ter sido de outro modo. Espero ao menos que minha tradução sirva para facilitar a compreensão do original.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



Andrey Pereira



vênus de milo

*cioso de amor,
quem te sequestrou
os abraços?*

niké de samotrácia

*penha alada de seda,
quilha que ara o céu.
pernas de pedra e sal,
peitos de sopra e véu.
torso que singra o ar
no impacto do cinzel.*

giacometti caminhando esquálido

*pêndulo de bronze escorrendo ácido,
pergaminho velho despelando barro,
equilíbrio medido no vão dos passos.*

malevich amolador

*a vida toda esquadrinhada:
arte de armas mortais,
faca da lida esmerilada:
dias
partidos
vitrais.*



de Oliveira

Ilustração: Bruno Chiossi

no aquário de matisse

*em mímicas de espanto,
os peixes replicam meu
ar atônito – com a febre
da cor, o espelho da luz
e a vertigem dos planos.*

o eu de escher

*vejo e revejo,
redesenho a grafite,
porém o espelho
nega e teima:*

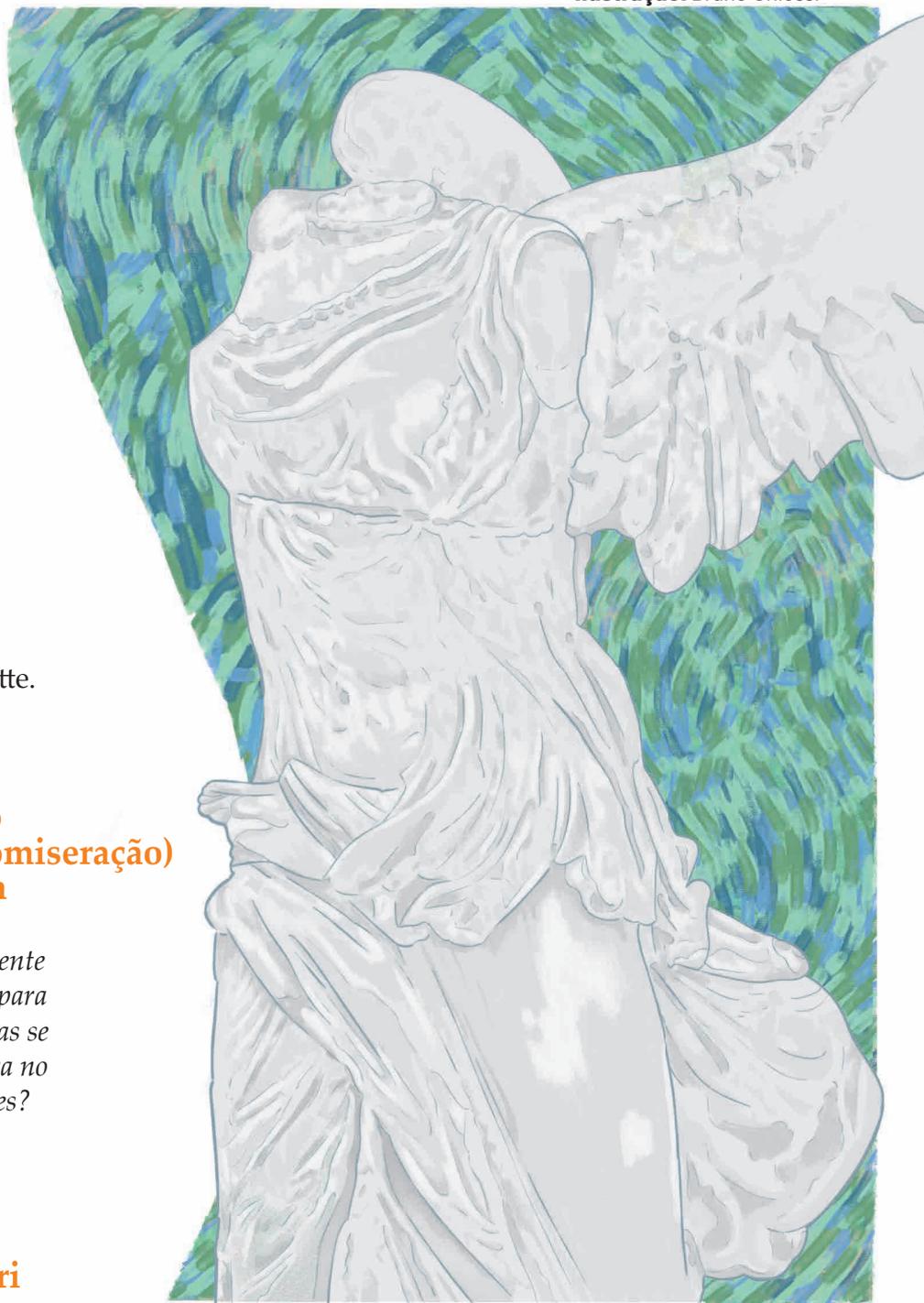
— ceci n'est pas magritte.

autorretrato (sem autocomiseração) de van gogh

*basta! não lamente
minhas dores. para
que duas orelhas se
eu colho música no
jardim das cores?*

tiradentes por portinari

*visando ao cúmulo da arte
cubista, permitiu-se o acha
do de um quadro pré-fabri
cado de um alferes exibido
à vista, em talhos realistas.*



Andrey Pereira de Oliveira é nascido em João Pessoa (PB) e mora em Natal (RN), onde é professor de literatura brasileira na UFRN. Os poemas aqui publicados são da obra 'Coruja de trapo' (Cepe, 2024), que obteve o terceiro lugar no Prêmio Literário da Biblioteca Nacional 2024, na categoria Livro de Poesia.



As sobrevivências de Armando Lacerda

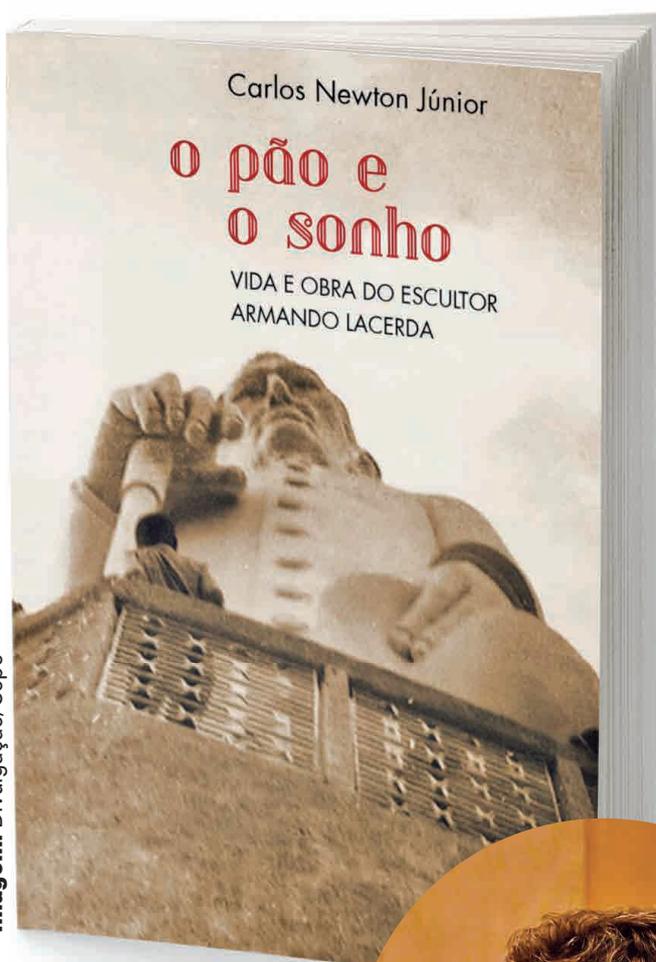


Imagem: Divulgação/Cepe



Foto: Reprodução/Instagram

Newton Jr. (ao lado) no lançamento de "O pão e o sonho" em Juazeiro do Norte (CE); obra mostra a vida e obra do escultor Armando Lacerda (na página oposta, visitando a obra "Cabeça", de Ascenso Ferreira)

Bruno Gaudêncio

Especial para o *Correio das Artes*

"Que este livro sirva, então, para jogar um pouco de luz sobre a sua vida e a sua obra."
(Carlos Newton Júnior)

Com essa frase, o pesquisador e poeta pernambucano Carlos Newton Júnior — mais conhecido pelos estudos sobre a obra de Ariano Suassuna — encerra a introdução do ensaio biográfico *O pão e o sonho: vida e obra do escultor Armando Lacerda*, publicado no final de 2024 pela Companhia Editorial de Pernambuco (Cepe).

A escolha do lançamento em 2024 não foi por acaso: celebrou-se o centenário do "ilustre desconhecido" Armando Lacerda (1924–1980), escultor pernambucano da mesma geração dos valorizados Abelardo da Hora e Corbiniano Lins — considerados os dois mais notáveis escultores pernambucanos do século 20 — e autor da famosa escultura do Padre

Cícero, localizada em Juazeiro do Norte, no Ceará.

Trazer Armando Lacerda à luz foi o grande desafio de Carlos Newton Júnior, poeta reconhecido e ensaísta notável, uma vez que o escultor, durante e após a vida, foi vítima de profundo esquecimento, apesar de ter criado obras impressionantes, como *A Mulher Rendeira* e *O Cangaceiro*.

A necessidade de sobrevivência levou Lacerda a manter um emprego regular durante três décadas, na empresa Cinzano, o que reduziu significativamente o tempo dedicado à arte. Nessa perspectiva, Carlos Newton Júnior fundamenta, ao longo do texto, o apagamento do artista na história das artes plásticas pernambucanas e nordestinas. O título provocativo reflete esse dilema: o pão como sustento, necessidade primária de qualquer família; o sonho de ser reconhecido e viver plenamente como escultor.

O esforço de fazer emergir Armando Lacerda das sombras remete diretamente ao conceito de “sobrevivências”, do teórico alemão Aby Warburg. No contexto warburguiano, sobrevivências referem-se à persistência de imagens, temas e ideias do passado, mesmo em contextos históricos e culturais diferentes, especialmente ligados à antiguidade clássica.

No caso de Lacerda, não apenas suas esculturas sobrevivem ao tempo: seu filho, Alexandre Azêdo — arquiteto, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e também escultor — guardou o arquivo pessoal do pai, com documentos e fotografias. Esse acervo permitiu que Newton Júnior lançasse sua luz sobre o artista em seu texto. Assim, o conceito de sobrevivências expande-se,

Foto: Acervo Alexandre Azêdo



simbolizando resistência ao apagamento do passado.

Uma memória silenciada — apagada ou pouco visível — vem à tona após anos adormecida. Armando Lacerda distanciou-se, pouco a pouco, dos mecanismos de reconhecimento artístico de seu tempo: as escolas de arte, a crítica especializada e os próprios colegas escultores. Esculpir tornou-se então um exercício para as noites e finais de semana.

As esculturas de Lacerda, muitas vezes abandonadas ou sem identificação, ganham, graças ao livro, portanto, “nova autoria” e um vigoroso movimento de sobrevivência do passado no presente, mesmo que o esquecimento ainda persista. Newton Júnior nos apresenta essa dicotomia: de um lado, a presença quase invisível das esculturas nas ruas e monumentos, sobretudo no Recife; do outro, o anonimato de seu autor. A materialidade do esquecimento sofrido por Lacerda é refletida com maestria nas mãos de Newton Júnior.

Mais que uma biografia, *O pão e o sonho: vida e obra do escultor Armando Lacerda*, aproxima-se do perfil biográfico ou do ensaio, mais do que do subgênero “vida e obra” tradicional, se usarmos as categorias defendidas por Sérgio Vilas Boas. Temos, aqui, um

belo exemplo do “em busca de”: uma procura por seu biografado, repleta de lacunas e fragmentos, cujo maior exemplo encontramos na literatura universal na extraordinária obra *Em busca do Barão Corvo*, de A.J.A. Symons.

Assim, Carlos Newton Júnior esculpe um Armando Lacerda incompleto, frágil e esquecido, preso a um papel limitado, mas graças a sua perspicaz interpretação consegue delinear com desenvoltura os contornos principais da vida do artista, mesmo que seja por meio de raros vestígios documentais como fotos e reportagens de jornais — um escultor, vítima do injustiçamento histórico, se podemos lançar mão desse neologismo. Esse é o maior mérito deste trabalho: desafiar o esquecimento e iluminar o que resta da memória de Armando Lacerda.

Com edição caprichada composta por 10 capítulos, didáticos e ao mesmo tempo primorosamente analíticos, *O pão e o sonho: vida e obra do escultor Armando Lacerda*, insere-se entre os trabalhos antológicos de Weydson Barros Leal dedicados a Abelardo da Hora e Corbiniano Lins, assumindo-se como estudo imprescindível para a história da escultura pernambucana no século 20.



"O Cangaceiro",
escultura de
Armando Lacerda



Rememorando a Geração 59

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

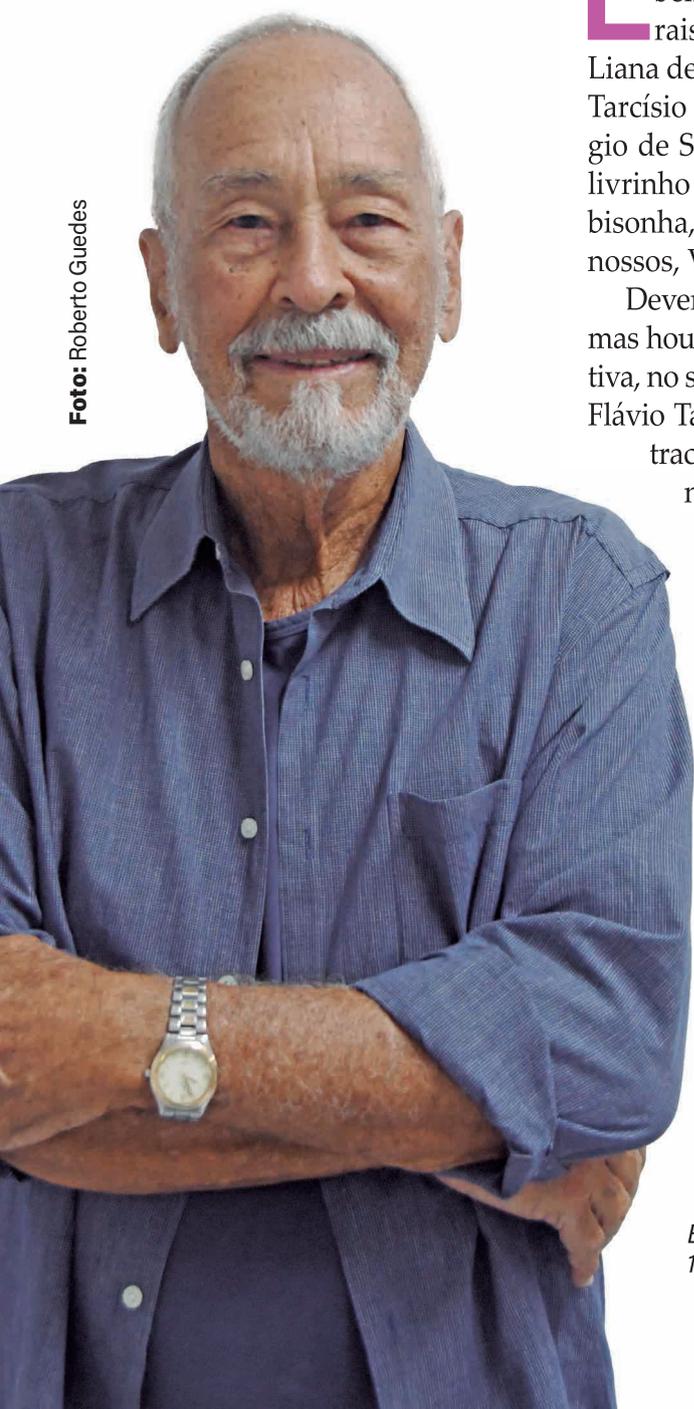
Éramos 14: Celso Almir Japiassu Lins Falcão, Clemente Rosas Ribeiro, Geraldo Medeiros, João Ramiro Farias de Mello, Jomar Moraes Souto, José Bezerra Cavalcante, José Cabral, Jurandy Moura, Liana de Barros Mesquita, Luiz Correia, Ronaldo José da Cunha Lima, Tarcísio Meira César, Vanildo Ribeiro de Lyra Brito e Marcos Aprígio de Sá. E a Secretaria de Educação e Cultura aceitou publicar um livrinho de 100 páginas com alguns de nossos poemas. Uma edição bisonha, feita por aprendizes de gráficos, com apresentação de um dos nossos, Vanildo Brito, ideólogo do grupo.

Deveria sair em 1958, quando a maioria de nós completava 18 anos, mas houve atraso de um ano. E houve depois uma reedição comemorativa, no seu cinquentenário, pela Editora Linha d'Água, com um texto de Flávio Tavares, subsecretário de Cultura do Estado da Paraíba, na contracapa, e outro meu, nas orelhas, em nome do editor. A capa foi do nosso velho amigo e companheiro Raul Córdula.

Desse grupo, alguns perseveraram na poesia, como Celso Japiassu, Jomar Souto, Jurandy Moura, Luiz Correia, Vanildo. Outros derivaram para o cinema, como João Ramiro. Outros ainda foram engolfados pela política ou desapareceram prematuramente. Eu mesmo, por não me sentir à altura de tantos amigos poetas, logo desertei desse campo, e me tenho dedicado, já em vários livros, à crônica, às memórias políticas, ao ensaio. E afinal, só restamos quatro: Celso, Jomar, José Bezerra e eu. Sendo ainda que Jomar, talvez a mais lídima expressão poética de todos nós, autor do *Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa*, reeditado várias vezes pela prefeitura da cidade, anda recluso e retraído. Assim também José Bezerra, meu amigo próximo, que, após enriquecer como financista em São Paulo, e ainda publicar dois livros temporões de poesia, convive com sérios problemas de visão, e se recolhe. Espero não magoá-los ao dizer que

Escritor e poeta Clemente Rosas Ribeiro, um dos poucos dos 14 membros que perseverou da chamada "Geração 59"

Foto: Roberto Guedes



só eu e Celso permanecemos em campo. Celso, publicitário de renome, tem editados oito livros de poesia, o último em Portugal, onde hoje reside, e colabora com um *site* de análise política dos países da Europa.

Cabe ainda destacar que, em torno de nós, circulavam expressivos valores no campo das artes, como Vladimir Carvalho, cineasta; Elpídio Navarro e Hugo Caldas, teatrólogos e atores; Ivan Freitas, Archidy Picado e Raul Córdula, pintores; Orley Mesquita, obstinado poeta. Desses, infelizmente, só meu querido amigo Raul continua entre nós, e me tem brindado com as luminosas capas dos meus últimos livros.

E não é que nós, os remanescentes, 66 anos depois, somos surpreendidos com juízos depreciativos do nosso movimento, que já mereceu análises criteriosas e isentas de intelectuais como Hildeberto Barbosa Filho (*O Caos e a Neblina – Vanildo Brito e a Geração 59*) e outros? E tais invectivas podem nos soar até injuriosas, não fossem, antes de tudo, primárias, desfocadas, frutos de má informação. Vejamos algumas.

Ronaldo Cunha Lima, citado como nosso “cavalo de batalha”, morava em Campina Grande, e

nunca conviveu conosco. Quando o livro já estava em preparação, apresentou-se a José Bezerra Cavalcante e Vanildo Brito, e pediu incorporação ao grupo. Era um bom verzejador e improvisador, e tinha méritos nesse campo, mas fez apenas breve experiência com o que se chamava poesia moderna. Portanto, era cavalo de batalha de quem?

Vanildo Brito não quis, como dito em outra observação maldosa, “ressuscitar o parnasianismo falecido 100 anos atrás”. Seus sonetos, embora metrificados, não eram rimados, e estavam ao lado de muitos versos soltos, com temas irreverentes. Além disso, após a rejeição da rima e do metro pelos iconoclastas pós-1922 — Drummond, Bandeira e Schmidt — e a fase do “poema-piada”, já houvera um retorno às antigas formas, com a Geração de 45 e poetas como Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto e Carlos Pena Filho, todos do melhor nível. Quem faz comparação dessas formas

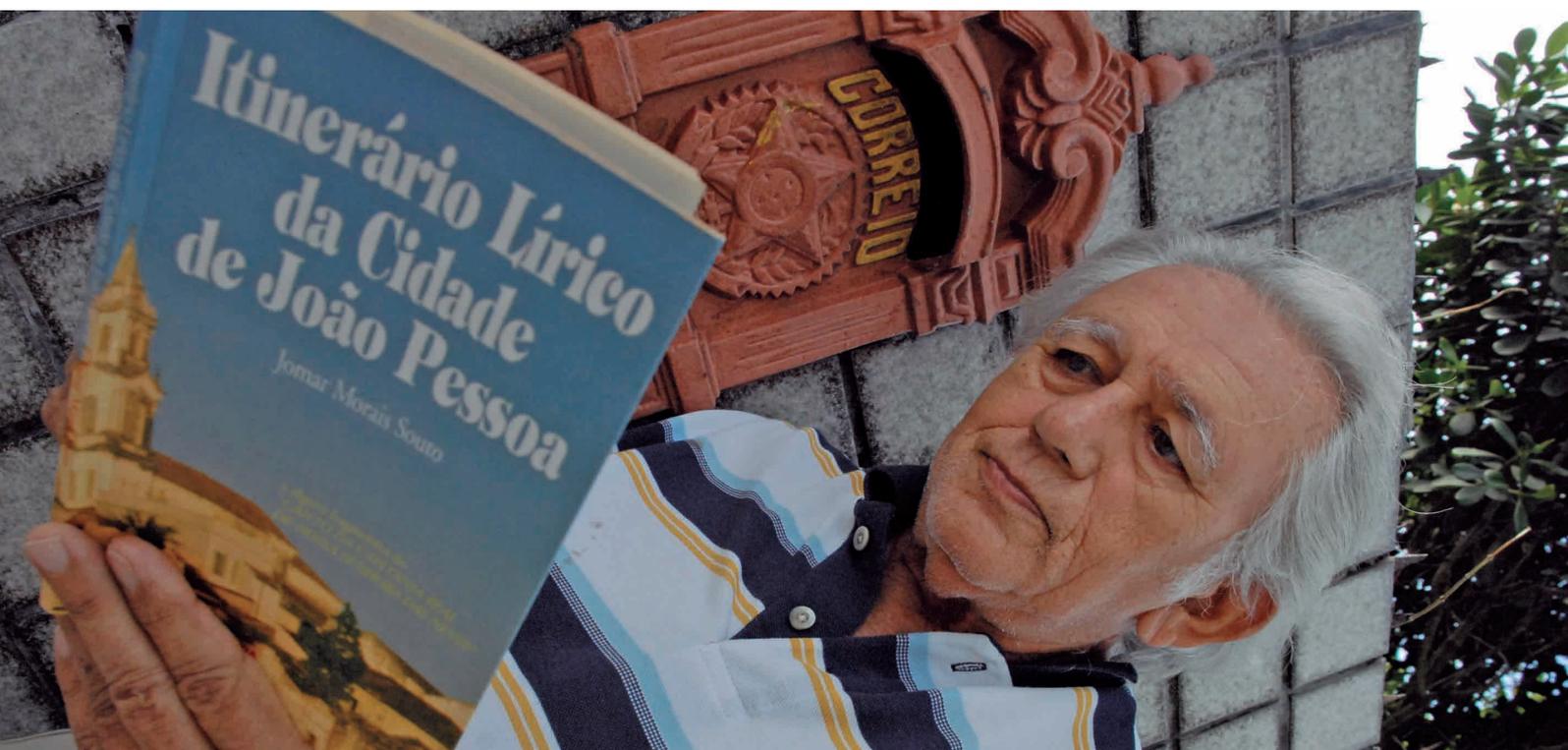


Foto: Arquivo A União

Parte da geração o cineasta João Ramiro de Mello (acima) e o poeta Jomar Moraes Souto (abaixo), autor do “Itinerário Lírico da Cidade de João Pessoa”

Secretaria de Educação e Cultura aceitou publicar um livro com alguns dos poemas do grupo, que deveria sair em 1958, quando a maioria completava 18 anos, mas houve atraso de um ano

Foto: Marcos Russo/Arquivo A União



revalorizadas com Olavo Bilac e Raimundo Correia não sabe o que foi o parnasianismo.

Por fim, nada mais impróprio para nós do que o epíteto de “burguesinhos”. Uma das nossas atitudes era justamente contestar e ridicularizar os padrões burgueses de comportamento. Saíamos à noite, em “rondas líricas”, que podiam terminar diante do busto de Augusto dos Anjos, na Lagoa, com declamação de poemas, ou numa mesa de cabaré, tendo como companheiro um crâneo humano, cedido pelo nosso “assessor psiquiátrico” Vamberto Miranda, estudante de Medicina. Isso quando não abriam espaço para as ruidosas e coreográficas “neuras” de Vanildo, às vezes seguidas por Archidy e até por Ivan Freitas, em sua fase de pintor surrealista. Uma vez, contou-me Vanildo, Ivan perturbou uma inocente festinha em casa de classe média, aos brados: “Não adianta, burguesia! Todo mundo vai morrer!”. Burguesinhos, nós? Existencialistas, talvez, sem ideologia definida, e com uma difusa rebeldia em relação às convenções sociais.

Nosso detrator louva-se em Virgínius da Gama e Melo para respaldar suas aleivosias. Acontece que Virgínius, por razões pessoais e psicológicas, não tinha simpatia pelo nosso movimento. Eu o critiquei em dois artigos: *Subjetivismo e História* (*Correio das Artes*, 9/7/1978) e *Ainda Virgínius e sua Influência* (*Correio das Artes*, 12/11/1978). Éramos muito independentes para aceitá-lo como mentor, como fizeram alguns colegas mais jovens, seduzidos por sua verve de *causeur* nas noitadas da saudosa Churrascaria Bambu. E ele nos menosprezava, recorrendo até ao achincalhe.

A ideia de uma “Geração 60”, por exemplo, foi mal pensada desde o nascedouro. Costuma-se falar em gerações para aconteci-

mentos e pessoas afastadas vinte anos, ou mais: Geração de 22, Geração de 45, em Recife, uma Geração de 75, aqui na Paraíba, a turma da revista *Era Nova*, nos anos 1920, envolvendo Perilo d’Oliveira, Américo Falcão, Aderbal Piragibe, Alírio Wanderley... e nós, em 59. Virgínius acolheu a infeliz ideia apenas para nos espicaçar, e pôs-se a entoar louvores a seu suposto intérprete por pura eutrapelia, pois pouco ou nada havia a apresentar por ele, como obra, ao menos naquele momento.

Em outra ocasião, Virgínius desceu ao deboche, ao tentar ridicularizar a aliteração de um verso de Jomar (“Tu te morres, me morro, e não morremos...”), afirmando ser propaganda subliminar da campanha política de Jânio Quadros, cuja filha tinha o apelido de “Tutu”. E vários de nós polemizamos com ele, como também fizemos com Otacílio Cartaxo, este um crítico mais primário e *démodé*.

Tempos depois, Virgínius “amansou”, e disse a Vanildo que algum dia lhe seríamos gratos por, pelos debates provocados, ter dado publicidade ao nosso movimento. De minha parte, tenho dúvidas sobre tal vaticínio.

Quanto a Políbio Alves — que só vim a conhecer ligeiramente, na casa de Jurandy Moura, por volta de 1977 — dado como testemunha das primícias do surgimento da tal Geração 60, prefiro situá-lo como integrante do Grupo Sanhauá, que se formou logo depois, e acolheu valores como Hildeberto Barbosa, Sérgio de Castro Pinto, João Batista de Brito e outros. E imagino que ele também prefere. Recentemente, deu-me dois livros para ler e comentar, o que fiz com respeito, critério e absoluta sinceridade.

E assim chego ao final desta lembrança, cuja oportu-



Foto: Arquivo A União

Ideólogo do grupo, Vanildo Brito não quis “ressuscitar o parnasianismo falecido 100 anos atrás”

nidade me surgiu pelo bate-bola intelectual em minha província. Como afirmou um político controvertido — neste caso, acertadamente — o tempo é o senhor da razão. Ele demonstrará o que prevalece, como narrativa ligada aos fatos. Aliás, penso que já está demonstrando.

Clemente Rosas publicou obras como ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

Escritor Virgínius da Gama e Melo não tinha simpatia pelo movimento surgido no fim dos anos 1950



Foto: Reprodução/FCJA



Café, no singular.

Nélida Campos

Especial para o *Correio das Artes*

Desperto e, mais uma vez, entendo: o tempo não espera. O que passou já não me pertence — é só lembrança, é só ausência. E o presente, esse instante breve, é tudo o que resta. O tempo não sobra — ele escapa. E ninguém tem tempo para desperdiçar com metades, com dúvidas, com ausências que pesam mais que presenças. A gente aprende: ou é inteiro, ou é adeus.

O tempo é um rio que corre sem descanso, indiferente ao que sentimos. Ele não espera, não retrocede, apenas segue, nos arrastando consigo. E então, o dia começa. Mas ficar na cama faz de mim alguém que



se recusa a aceitar essa nova chance. Mas uma chance de quê? De reviver os mesmos cenários, repetir os mesmos gestos, esbarrar nas mesmas frustrações? De que vale mais um dia? Levantar, ir para o trabalho, enfrentar o trânsito, chegar no escritório no mesmo horário, ver as mesmas expressões vazias e desmotivadas. Pessoas que reclamam, que se entregam ao desespero, como se tudo estivesse perdido. Será que o mundo realmente perdeu a esperança ou fomos nós que a abandonamos pelo caminho?

Ninguém mais acredita no próprio propósito. Propósito? Sim, aquele que Deus nos deu. Mas e se eu não souber qual é o meu? Como posso entender algo que nunca me foi claramente revelado? Viver sem saber se estou no caminho certo é como andar às cegas, esperando que a luz um dia ilumine a estrada antes que seja tarde demais.

São cinco da manhã e o alarme soa. Um lembrete de que é preciso continuar. "O *show* deve continuar". Mas eu não quero mais esse *show*. Estou cansada dos sorrisos forçados, das palavras vazias, da repetição exaustiva de uma rotina sem brilho. Sorrir mesmo quando a dor aperta o peito... Mas sorrir para quem? Para um mundo que já não repara nos detalhes, que está ocupado demais correndo para lugar nenhum?

Abra os olhos. Saia dessa cama. Pensamentos positivos — o vazio está incomodando. O vazio, a saudade, a falta... Mas falta de quê, se tem tudo o que quer?

Vamos, levante-se. O alarme toca novamente. Um banho pode afastar esses pensamentos insanos. Desistir não

é uma opção. Quantas escolhas temos nesta vida? Será que realmente escolhemos algo ou somos apenas conduzidos pelo destino, pelo cosmo, pelo universo? Meros fantoches em cena, atores no teatro da vida.

Sorria, mesmo quando a dor tortura. Sorria para dissolver a tristeza.

A água escorre pelo corpo, lavando a alma, levando as impurezas, drenando a angústia. Chorei copiosamente enquanto a água fria esfriava os pensamentos e arrepiava a pele. Pelo menos estou acordada.

Mas eu não quero mais esse *show*. Quero voltar... voltar para momento onde tudo mudou.

O vazio paralisa a vontade de continuar. Voltar para a cama parece o mais sensato. Deixar que o sono alimente a alma, porque sonhar ainda é melhor que a realidade. Sonhar que tudo é diferente. Que nada mudou.

Vamos voltar... Voltar ao tempo em que não havia preocupações, quando a tristeza era só um machucado no joelho.

Não quero acordar para viver essa realidade.

Sinto sua falta. Saudades.

Nossos cafés, eu e você... Onde está você, que não está aqui, comigo? Como faço para me refazer, e tentar entender melhor o que se passa no mundo caótico da minha mente. Essa mente é uma prisão de memórias, insistentes que circundam promovendo uma exaustão de lembranças, nós dois. Prometemos envelhecer juntos. Promessas feitas e não cumpridas. Você disse que jamais soltaria minha mão, e mesmo assim, se afastou dela sem olhar para

trás. Agora ela segue estendida no escuro, procurando por um toque que não vem.

Você não faz ideia da falta que faz. A ausência pesa mais do que qualquer silêncio. E eu, exausta de esperar o que não volta, carrego o cansaço como segunda pele.

A verdade é que... Não foram só promessas quebradas. Foi um futuro que morreu.

Quero você aqui. Perto de mim.

Não vou levantar. Não vou. ...Vamos levantar.

Precisa continuar. A vida tem seus momentos de melancolia, mas tudo passa, tudo passará. Será mesmo? Dizem isso para acalmar a alma, para nos convencer de que a dor é passageira, mas algumas dores fincam raízes. Algumas ausências se tornam permanentes, ecos que ressoam dentro de nós.

E o final feliz? Cadê ele? Aquele das histórias que contam, sobre pessoas que se amam e vivem juntas por toda a eternidade. Mas o que é a eternidade? Um instante que se prolonga na memória ou apenas uma ilusão? "Que seja infinito enquanto dure", já disse um poeta. Sábias palavras. Saber que o infinito tem um tempo. Um tempo que não se prevê. Um tempo que não para.

Então, vamos levantar.

Olhe para o seu reflexo. Tão jovem, tão infinita na sua beleza. Mas a juventude não impede a dor. Quantas cicatrizes carregadas de um tempo que não volta? Cicatrizes invisíveis, mais profundas do que qualquer ferida na pele. Elas contam sua história. Elas moldam quem você é.

Vista-se das suas cicatrizes. Não as esconda, não as renegue. Elas são marcas de

batalhas travadas e vencidas, mesmo que às vezes pareça que perdeu. Cada dor que sobreviveu é um troféu silencioso da sua força.

Levante-se. Vamos.

O mundo lá fora ainda existe, mesmo que hoje pareça sem cor. O café ainda tem aroma, a música ainda toca em algum lugar. E quem sabe, entre um passo e outro, entre um dia e outro, a vida não surpreenda com um novo sentido?

A saudade aperta, eu sei. A falta grita. Mas o que se faz com o vazio senão preenchê-lo, pouco a pouco, com o que ainda resta?

Então, mais uma vez, vamos levantar.

Não quero. Não tenho vontade. Quero apenas chorar e

lembrar que, um dia, tudo foi tão mais feliz. Sinto sua falta.

Ficar na cama parece a melhor escolha para hoje. Avisar que não estou bem, que é melhor me deixar aqui, envolta no silêncio, no peso dos pensamentos.

A porta se abre. A janela se abre.

— Oi, mamãe. Bom dia! O dia está lindo. Vamos tomar café comigo? Eu e você. Vou fazer dois cafés.

A voz dele rompe a escuridão. Pequena, singular, mas imensa na força que carrega.

O vazio ainda está aqui. A dor não partiu. Mas há algo maior que ela.

— Claro, meu amor. Faça dois.

Levanto. Só preciso de um motivo para continuar.

Nélida Campos atua como professora de inglês, além de especialização em psicopedagogia. Escritora e entusiasta da literatura, ela acredita no poder transformador da leitura e da educação. Mãe dedicada, concilia sua trajetória profissional com o amor pela escrita e pelo desenvolvimento infantil.

LER É UM PRESENTE!

A partir de R\$50 em compras
ganhe brindes com estampas de
Violeta Formiga e Gonzaga Rodrigues

Invista **R\$50**
Ganhe um
caderno exclusivo



Invista **R\$100**
Ganhe uma
ecobag estilizada

Invista **R\$150**
Ganhe uma
caneca especial



Não perca essa oportunidade de levar um
pedacinho da cultura paraibana para casa!

Saiba mais 83 99604-0011

@livrariaauniao

Promoção válida até durar o estoque



Livraria

AUNIÃO

Poeta
Juca Pontes

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc

Fecomércio
Senac